



Universidade de Lisboa
Faculdade de Letras

Estágio no Mosteiro dos Jerónimos e Torre de Belém: Contributos para a Valorização Patrimonial do Legado de D. Manuel I, nos 500 Anos da sua Morte

Mestrado em História da Arte e Património

Giovanni Ribeiro Giorgetti

2022

Relatório de Estágio especialmente elaborado para a obtenção do grau de Mestre, orientado pela Professora Doutora Maria João Neto

Declaração

Eu, Giovanni Ribeiro Giorgetti, estudante n.º 157570, autor do trabalho final de Mestrado, submetido à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, intitulado “Estágio no Mosteiro dos Jerónimos e Torre de Belém: Contributos para a Valorização Patrimonial do Legado de D. Manuel I, nos 500 Anos da sua Morte” e orientado pela Professora Doutora Maria João Neto, declaro ser o autor deste trabalho original, que não foi antes submetido a outra instituição para efeitos de obtenção de grau.

Declaro ainda que todas as fontes de informação usadas neste relatório de estágio foram devidamente referidas.

Lisboa, 22 de dezembro de 2022

Agradecimentos

Muito obrigado à Joana, à minha Mãe, ao meu Pai, ao Ricardo e à Bárbara por todo o apoio e amor ao longo do caminho.

Um agradecimento especial também à minha orientadora científica, Professora Doutora Maria João Baptista Neto; à Diretora do Mosteiro dos Jerónimos e Torre de Belém, Professora Doutora Dalila Rodrigues; à minha tutora na instituição, Dra. Maria João Correia; mas também a todos os funcionários com os quais muito aprendi: Dra. Ana Reixa, Dra. Maria de Alegria, Cátia Pedroso, Hugo Fonseca, Paulo Medeiros e Tito Seixas, assim como a todos os funcionários da segurança e limpeza do Mosteiro dos Jerónimos e da Torre de Belém.

Por fim, também agradeço à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL) e aos professores do mestrado em História da Arte e Património pela qualidade do ensino; e à direção da Associação Bandeira Azul da Europa (ABAE) por ter permitido conciliar os horários do emprego em Alcântara com o estágio em Belém.

Resumo

No âmbito do segundo ano do mestrado em História da Arte e Património, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL), escolhi a realização de estágio, em vez da dissertação ou do projeto, por considerar que é fundamental o ensino superior ter uma forte componente prática, integrada numa instituição profissional, para aplicação dos conhecimentos teóricos. Para obtenção do grau de mestre, apresento o relatório final de estágio que está organizado em duas partes: uma primeira parte teórica com o capítulo “Pensar as Práticas Patrimoniais” em que proponho uma reflexão crítica sobre alguns dos aspetos mais importantes na gestão do património arquitetónico; e uma segunda parte mais prática em que reporto as tarefas desenvolvidas no estágio, tanto no Mosteiro dos Jerónimos como na Torre de Belém e que têm relações históricas, estéticas e institucionais. A segunda parte, intitulada “Contributos para a Valorização Patrimonial do Legado de D. Manuel I”, está organizada em três capítulos, de acordo com a metodologia aplicada ao longo do estágio: investigação, gestão e programação. O Mosteiro e a Torre constituem o conjunto patrimonial mais visitado de Portugal.

Palavras-chave

Mosteiro dos Jerónimos; Torre de Belém; D. Manuel I; Património; Gestão Cultural.

Abstract

As part of the second year of the Master's in Art History and Heritage, at the University of Lisbon (FLUL), I chose to carry out an internship, rather than a dissertation or a project, because I consider that it is essential for higher education to have a strong practical component, integrated in a professional institution, for the application of theoretical knowledge. In order to obtain the master's degree, I present the final internship report, which is organized in two parts: a first theoretical part with the chapter "Thinking the Heritage Practices" in which I propose a critical reflection on some of the most important aspects in the management of architectural heritage; and a second, more practical part, in which I report the tasks carried out during the internship, both at the Jerónimos Monastery and at the Belém Tower, which have historical, aesthetic and institutional relationships. The second part, entitled "Contributions to the Heritage Enhancement of the Legacy of D. Manuel I", is organized into three chapters, according to the methodology applied throughout the internship: research, management and cultural program. The Monastery and the Tower are the most visited heritage sites in Portugal.

Key Words

Jerónimos Monastery; Belém Tower; D. Manuel I; Heritage; Cultural Management.

Índice

Agradecimentos	4
Resumo	5
Abstract	6
Introdução	8
Capítulo 1 - Pensar as Práticas Patrimoniais	12
1.1. Enquadramento histórico do Mosteiro dos Jerónimos e da Torre de Belém	12
1.2. Enquadramento jurídico-administrativo da tutela	16
1.3. Desafios e oportunidades da gestão integrada de monumentos	19
1.4. Conservação preventiva e equipamentos de segurança e comunicação.....	23
1.5. Turismo cultural e caminhos para a sustentabilidade	24
Capítulo 2 - Contributos para a Valorização Patrimonial do Legado de D. Manuel I	32
2.1. Investigação	32
2.1.1. Territórios partilhados: a gestão da Torre de Belém e da sua envolvente.....	33
2.1.2. As intervenções realizadas na caixilharia da Torre de Belém nos séculos XX e XXI.....	35
2.1.3. Participação no Colóquio “D. Manuel I – Cartografia de um Reinado”	39
2.2. Gestão	41
2.2.1. Reabertura da Torre de Belém	41
2.2.2. Visitas virtuais ao património cultural	42
2.2.3. Análise crítica da comunicação e das avaliações dos visitantes do Mosteiro dos Jerónimos e Torre de Belém.....	43
2.2.4. Pandemia COVID-19.....	48
2.2.5. Plano de Recuperação e Resiliência (PRR)	52
2.3. Programação	53
2.3.1. “Luz a D. Manuel”: evocação dos 500 anos da morte	53
2.3.2. “Passado Inventado”: preparação da exposição.....	61
2.3.3. Reunião para a programação cultural em 2022.....	61
Conclusão	63
Bibliografia	65
Webgrafia	71
Índice de Figuras	77

Introdução

No âmbito do segundo ano do mestrado em História da Arte e Património, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL), escolhi a realização de estágio, em vez da dissertação ou do projeto, por considerar que é fundamental o ensino superior ter uma forte componente prática, integrada numa instituição profissional, para aplicação dos conhecimentos teóricos. Neste sentido, apresentei candidatura para estagiar no Mosteiro dos Jerónimos e Torre de Belém, monumentos nacionais que são tutelados pela Direção-Geral do Património Cultural (DGPC)¹ e classificados como Património Mundial pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO)².

A candidatura foi aceite em setembro, após reunião com a Professora Doutora Dalila Rodrigues, diretora do Mosteiro dos Jerónimos e Torre de Belém, e com a Dra. Maria João Correia. Foi discutida a necessidade de trabalhar sobretudo a Torre de Belém, pois estava encerrada ao público desde 2020 e com obras previstas de conservação e restauro. Contudo, também realizei diversas tarefas no Mosteiro dos Jerónimos, possibilitando assim a experiência profissional de gestão patrimonial em diferentes contextos. O estágio teve início a 18 de outubro de 2021 e terminou a 20 de janeiro de 2022.

O estágio decorreu durante cinquenta e sete dias, ao longo de doze semanas, no período da manhã, com uma carga horária diária de três horas e trinta minutos, isto é, das 9h30 às 13h00, num total de 210 horas. O trabalho desenvolvido foi presencial, à exceção de cinco dias em janeiro, dado que o Governo da República decretou o teletrabalho obrigatório, tendo estes dias sido dedicados à preparação do relatório e organização em pastas do trabalho realizado. Considero que, caso o Mosteiro dos Jerónimos tivesse encerrado ao público por decisão do Ministério da Cultura, tal como aconteceu em 2020 e início de 2021, devido à pandemia por COVID-19, o estágio não teria sido tão produtivo, sobretudo ao nível da gestão e da programação cultural.

Ao longo do estágio, registei diariamente as tarefas realizadas e contabilizei numa tabela o número de horas de trabalho:

¹ DGPC: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-mundial/portugal/mosteiro-dos-jeronimos-e-torre-de-belem/> (consultado em 14/05/2022)

² UNESCO Portugal: <https://unescoportugal.mne.gov.pt/pt/temas/proteger-o-nosso-patrimonio-e-promover-a-criatividade/patrimonio-mundial-em-portugal> (consultado em 16/05/2022)

Semana	Data	Horas	Semana	Data	Horas	Semana	Data	Horas
1	18/out	3,5	5	15/nov	3,5	9	13/dez	11
	19/out	3,5		16/nov	3,5		14/dez	3,5
	20/out	3,5		17/nov	3,5		15/dez	3,5
	21/out	3,5		18/nov	3,5		16/dez	3,5
	22/out	3,5		19/nov	3,5		17/dez	3,5
2	25/out	3,5	6	22/nov	3,5	10	03/jan	3,5
	26/out	3,5		23/nov	3,5		04/jan	3,5
	27/out	3,5		24/nov	3,5		05/jan	3,5
	28/out	3,5		25/nov	3,5		06/jan	3,5
	29/out	3,5		26/nov	3,5		07/jan	3,5
3	02/nov	3,5	7	29/nov	3,5	11	10/jan	3,5
	03/nov	3,5		30/nov	3,5		11/jan	3,5
	04/nov	3,5		02/dez	3,5		12/jan	3,5
	05/nov	3,5		03/dez	3,5		13/jan	3,5
4	08/nov	3,5	8	06/dez	3,5	12	14/jan	3,5
	09/nov	3,5		07/dez	3,5		17/jan	3,5
	10/nov	3,5		09/dez	3,5		18/jan	3,5
	11/nov	3,5		10/dez	3,5		19/jan	3,5
	12/nov	3,5		11/dez	6,5		20/jan	3,5

Figura 1: Folha de horas do estágio. Autoria: Giovanni Giorgetti (2021)

No estágio, tive a orientação da Professora Doutora Maria João Neto, Professora Associada com Agregação de História da Arte na FLUL, e a supervisão e tutoria da técnica superior, Dra. Maria João Correia, que trabalha na programação e investigação do Mosteiro dos Jerónimos e Torre de Belém. Tive ainda a oportunidade de trabalhar diretamente com a diretora dos monumentos, Professora Doutora Dalila Rodrigues, e colaborar com todos os funcionários sobretudo em tarefas de gestão e programação cultural. O posto de trabalho ficou definido na sala dos Serviços Administrativos do Mosteiro dos Jerónimos, onde trabalham os técnicos superiores e assistentes técnicos, e foram disponibilizadas excelentes condições de trabalho. Além do trabalho no mosteiro, foram realizadas muitas deslocações à Torre de Belém.

A investigação sobre estes dois monumentos nacionais icónicos do reinado de D. Manuel I é vasta, com inúmeras publicações de especialistas como Clara Moura Soares, José da Felicidade Alves, Maria João Neto, Paulo Pereira, Pedro Dias, Rafael Moreira, Virgílio Correia, entre outros. Contudo, ainda há muito por investigar, sobretudo do século XVI, tal como acontece com os riscos incisos que foram descobertos na parede interior norte da igreja

dos Jerónimos na década de 80 do século XX. Em 2021, nos 500 anos da morte do rei D. Manuel I, foram pela primeira vez iluminados os riscos incisos e apresentados ao público.

As cidades de Lisboa, enquanto porto e porta aberta para o mundo global, e do Funchal, como a primeira cidade da expansão marítima portuguesa com o foral manuelino de 1508, marcaram o meu percurso como cidades da infância e da adolescência, respetivamente. Em ambas, a arquitetura manuelina destaca-se na paisagem urbana, através da Torre de Belém, do Mosteiro dos Jerónimos e da Catedral do Funchal, além de muitos outros monumentos.

Esta presença constante do manuelino e o gosto e interesse por períodos de transição e inovação, como foi o reinado de D. Manuel I, conduziram à escolha de Arte Manuelina, lecionada pela Doutora Joana Ramôa Melo, como a primeira unidade curricular opcional da licenciatura em História da Arte. Doze anos mais tarde, apresentei candidatura para estagiar nos monumentos mais icónicos do manuelino, o Mosteiro de Santa Maria de Belém e a moderna Torre de Belém.

Os objetivos finais que foram acordados entre o estagiário e a entidade de acolhimento, de acordo com as necessidades dos monumentos, o interesse para a formação académica e as capacidades e motivações do estagiário, foram os seguintes:

- Implementar em contexto de trabalho os conceitos teórico-práticos adquiridos na Universidade;
- Dominar os estudos-chave e os principais debates em curso sobre o Mosteiro dos Jerónimos e a Torre de Belém;
- Formular e desenvolver um estágio com relatório relevante para a área de especialização, para a instituição que acolhe e para a gestão dos monumentos;
- Desenvolver competências para uma investigação de qualidade em História da Arte e Património;
- Adquirir competências necessárias a um desempenho profissional qualificado nas áreas de gestão do património e investigação em história da arte, sobretudo nos campos do património, da conservação e do turismo cultural;
- Trabalhar em equipa, desenvolvendo capacidades de coordenação e execução de tarefas;

- Dinamizar competências e experiência profissional na gestão de património arquitetónico;
- Promover a aplicação de conhecimentos na área da programação cultural, nomeadamente através do planeamento e organização de eventos culturais em monumentos nacionais.

Vou apresentar este relatório final de estágio em duas partes: uma primeira parte teórica com o capítulo “Pensar as Práticas Patrimoniais” em que proponho uma reflexão crítica sobre alguns dos aspetos mais importantes na gestão do património arquitetónico; e uma segunda parte mais prática em que reporto as tarefas desenvolvidas no estágio, tanto no Mosteiro dos Jerónimos como na Torre de Belém. A segunda parte, intitulada “Contributos para a Valorização Patrimonial do Legado de D. Manuel I”, está organizada em três capítulos, de acordo com as principais componentes do trabalho desenvolvido neste estágio: investigação, gestão e programação.

Capítulo 1 - Pensar as Práticas Patrimoniais

1.1. Enquadramento histórico do Mosteiro dos Jerónimos e da Torre de Belém

D. Manuel I (Alcochete, 31 de maio de 1469 - Lisboa, 13 de dezembro de 1521), o rei Venturoso, marcou o desenvolvimento da nação portuguesa. Ao longo do seu reinado de 26 anos (1495-1521), foram muitas as reformas introduzidas, como os forais manuelinos, os pesos e as medidas, mas foi também um período marcado pela expansão marítima, sendo D. Manuel I o rei de Portugal e dos Algarves, d’Aquém e d’Além-Mar em África, Senhor do Comércio, da Conquista e da Navegação da Arábia, Pérsia e Índia. Durante estes 26 anos, o rei ordenou a construção de edifícios religiosos e militares como o Mosteiro dos Jerónimos e a Torre de Belém. A relação de interdependência entre estes dois monumentos é notória desde a sua origem. Segundo Paulo Pereira, a “Torre assim concebida destinar-se-ia então não apenas à defesa da passagem mais estreita, mas também – agora sim – de protecção da grande cerca do Mosteiro e das riquezas que se encontravam depositadas no templo”³.



Figura 2: Mosteiro dos Jerónimos. Fotografia: Giovanni Giorgetti (2021)

³ PEREIRA, Paulo, *Torre de Belém*, Londres: Scala, Lisboa: IPPAR, 2005, p.23

O Mosteiro dos Jerónimos foi um projeto muito importante para D. Manuel I, pois iria funcionar como panteão régio e a sua gestão foi entregue à Ordem dos Jerónimos, tal como o próprio nome indica. Os hieronimitas, monges católicos e seguidores de São Jerónimo, fixaram-se exclusivamente na península ibérica e dedicaram-se à vida monástica através da oração, contemplação e trabalho. A construção do mosteiro e entrega aos jerónimos insere-se no plano político ibérico que o rei iniciou, “garantindo um reforço da espiritualidade hieronimita, que contribuiria para o fortalecimento da visão macropolítica de D. Manuel, que via nas ligações aos reinos castelhanos um caminho para a pretendida unificação peninsular a favor de Portugal”⁴, pois os monges jerónimos castelhanos tinham vínculos fortes com os reis de Castela.

O projeto sepulcral de D. Manuel I foi iniciado logo em 1495 quando o rei “requer à Santa Sé autorização para fundar no lugar da velha Ermida da Ordem de Cristo um eremitério de frades jerónimos. Uma bula papal de Alexandre VI datada de 1496 autorizou a edificação”⁵. Foram necessários mais de 5 anos para, no dia de Reis (6 de janeiro), colocar a primeira pedra numa data simbólica e quase um século para terminar a obra. Apenas em 1551, decorreu a “tomada de posse pelos hieronimitas do novo complexo monacal”⁶.

De acordo com a DGPC, as “obras do Mosteiro de Santa Maria de Belém tiveram início em 1501, ou em 1502, e ocorreram ao longo de várias décadas. Por sua vez, as da Torre de Belém, estando prevista a construção de uma estrutura defensiva no local, já no reinado de D. João II (1481-1495), aconteceram entre 1514 e 1519. (...) Assinale-se a excelente qualidade alcançada no Mosteiro dos Jerónimos devedora da experiência do primeiro mestre, Diogo de Boytac, e de outros notáveis arquitetos e escultores provenientes de diferentes regiões da Europa. Entre estes, destacam-se o biscainho João de Castilho, que dirigiu as obras a partir de 1517, após ter concluído o portal sul da igreja, e o escultor Nicolau Chanterene, de origem francesa, a quem se deve o portal ocidental.”⁷.

Com o arquiteto Boytac, numa primeira fase, e depois com Castilho, o Mosteiro assumiu-se como joia do património artístico e, apesar das várias alterações realizadas ao longo dos séculos, continua a afirmar-se como símbolo da identidade nacional e atração cultural na

⁴ SOARES, Clara Moura, *O Culto a Camões e o Mosteiro dos Jerónimos. O restauro do monumento no século XIX*, Lisboa: Scribe, 2019, p.35

⁵ PEREIRA, Paulo, *Arquitetura Portuguesa - História Essencial*, Lisboa: Círculo de Leitores, 2022, p.248

⁶ SIPA do Mosteiro dos Jerónimos: http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/sipa.aspx?id=6543; IPA: 00006543 (consultado em 20/06/2022)

⁷ Página oficial do Mosteiro dos Jerónimos - DGPC: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/museus-e-monumentos/dgpc/m/mosteiro-dos-jeronimos/> (consultado em 23/05/2022)

contemporaneidade. Segundo o “Inquérito às práticas culturais dos portugueses”, realizado em 2020 e divulgado em fevereiro de 2022, 63% dos portugueses inquiridos já visitaram, pelo menos uma vez, o Mosteiro dos Jerónimos e 61% a Torre de Belém, sendo estes os monumentos mais visitados⁸. Para o estudo, entrevistaram 2.000 pessoas com mais de 15 anos de idade e tem associado um erro amostral máximo de 2,2%, com 95% de confiança.

A contratação dos serviços de arquitetos e escultores estrangeiros denota o empenho de D. Manuel I, duque de Beja e sucessor indireto de D. João II, para afirmação do seu poder na corte europeia. Em 2022, também deve ser assinalado o V centenário do fecho da abóbada do cruzeiro, projetada por Castilho, que “é uma das mais impressionantes obras de arquitetura de tecnologia gótica em toda a Europa”⁹.

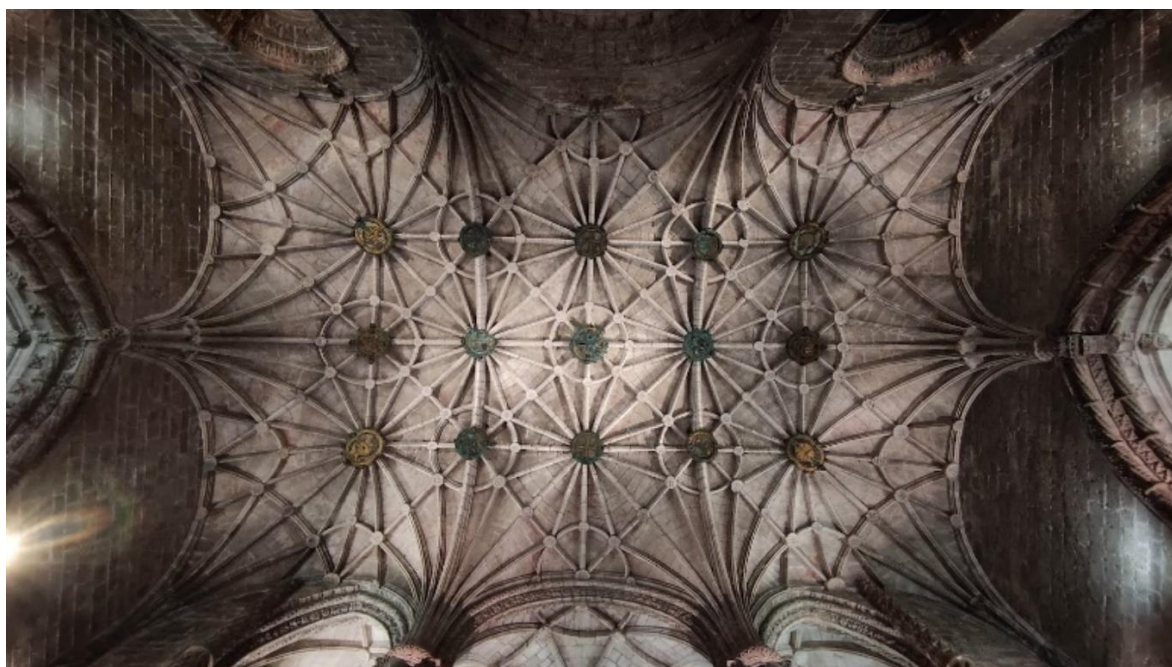


Figura 3: Igreja de Santa Maria de Belém. Fotografia: Giovanni Giorgetti (2021)

A Torre de Belém, por sua vez, “conjuga dois modelos arquitetónicos distintos: a torre alta, ao modo de torre de menagem, de feição medieval; e o baluarte, um dispositivo militar moderno. Este corpo sextavado – com posicionamento numa cota baixa e avançado no rio, dotado de canhoneiras – permitia o disparo em tiro rasante. A Torre de Belém é, pois, um

⁸ Resultados do estudo disponíveis em:

https://www.ics.ulisboa.pt/sites/ics.ulisboa.pt/files/2022/inquerito_praticas_culturais_2020.pdf (consultado em 20/08/2022)

⁹ PEREIRA, Paulo, *Arquitetura Portuguesa - História Essencial*, Lisboa: Círculo de Leitores, 2022, p.251

valioso testemunho de que, na época, a velha guerra neurobalística, de arremesso, proporcionada pela torre alta e recuada, dava lugar à guerra pirobalística da artilharia pesada e tiro rasante, garantida pelo baluarte. (...) A heráldica régia, obsessivamente presente, mistura-se com motivos ornamentais diversos como, por exemplo, cordas, nós e animais, não faltando elementos de alusão mourisca. Saliente-se a presença, na fachada sul da torre alta, da extensa varanda, uma *loggia*, pensada para acolher o aparatoso cerimonial de corte que, decerto, se intensificaria na chegada e na largada das embarcações”¹⁰.



Figura 4: Torre de Belém. Fotografia: Giovanni Giorgetti (2021)

Ao longo do século XX, a autoria do projeto da Torre de Belém foi discutida através de diferentes teses, como as de Reynaldo dos Santos e de Sampayo Ribeiro, com base nas poucas fontes escritas que existem. Sobre esta discussão, Néu declara até que “tem-se argumentado muito e muito calorosamente. Afigura-se-me que por vezes se ultrapassou a procura honesta da verdade – fosse ela qual fosse – para se chegar à pura teimosia, à conversa de surdos; às posições extremadas e às conclusões indevidamente peremptórias”¹¹. Reynaldo dos Santos atribuía o projeto a Francisco de Arruda, arquiteto português e com experiência em arquitetura

¹⁰ Página oficial da Torre de Belém – DGPC: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/museus-e-monumentos/dgpc/m/torre-de-belem/> (consultado em 23/05/2022)

¹¹ NÉU, João B. M., *Em volta da Torre de Belém. Evolução da zona ocidental de Lisboa*, Lisboa: Livros Horizonte, 1994, p. 140

militar, enquanto Sampayo Ribeiro afirmava a autoria de Boytac, coincidindo com o traçado para o projeto do Mosteiro dos Jerónimos.

Atualmente, a DGPC¹² atribui a autoria ao arquiteto Francisco de Arruda, ou seja, concorda com a análise elaborada por Nêu nos anos 90 do século passado: “que a construção, pelo menos em certa altura, foi dirigida por Francisco de Arruda, como mestre. Dada a sua categoria profissional, é admissível também ter sido o criador do projeto, embora disso não haja a certeza, visto na época o termo mestre tanto poder significar autor dos debuxos como simples construtor, ou tudo isso em conjunto”¹³.

Também Pereira defende o projeto ser de Arruda “com base em documentos que o mencionam, em 1516, como *‘mestre do Baluarte do Restelo’*, dando-o como receptor de um grande conjunto de *‘cantos de pedra’*, ou seja, de silharia já preparada na pedreira para a construção. A obra encontrava-se em curso já em 1515, ano que constitui a data documental mais recuada com referências ao edifício. (...) Construída na modalidade portuguesa de tardo-gótico *‘manuelino’*, a Torre de Belém evidencia as linhas mestras desse estilo que, teimosamente, com o seu hiper-realismo, a sua sobrecarga ornamental e o seu irridente apego à heráldica (não mais do que o reflexo de uma mentalidade cortesã ainda ligada à mitografia da cavalaria medieval), resistia aos influxos do classicismo renascentista”¹⁴. A Torre afirma-se assim como o monumento charneira e de transição entre a estética medieval e a renascentista, através da sua torre e do baluarte.

1.2. Enquadramento jurídico-administrativo da tutela

O património arquitetónico, como o Mosteiro dos Jerónimos e a Torre de Belém, enquanto relevante componente do património cultural de um país, de uma região ou de uma comunidade, é um poderoso fator de distinção e de identificação social de indivíduos e de populações, bem como um motor de qualificação e de desenvolvimento de lugares e territórios. Nos últimos cem anos, na Europa ocidental, os Estados integraram a administração pública na ordem constitucional, desenvolvendo legislação e estruturas que interpretam o sentido coletivo e social dos bens salvaguardados, o seu uso e valorização. Neste âmbito, a DGPC, sediada no

¹² SIPA da Torre de Belém: http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/sipa.aspx?id=4065; IPA: 00004065 (consultado em 20/06/2022)

¹³ NÊU, João B. M., *Idem*, p. 154

¹⁴ PEREIRA, Paulo, *Torre de Belém*, Londres: Scala, Lisboa: IPPAR, 2005, pp. 23-24

Palácio Nacional da Ajuda, é a entidade que tutela o Mosteiro e a Torre, dado serem monumentos nacionais localizados em Portugal continental. Para uma melhor compreensão do enquadramento jurídico-administrativo da tutela destes monumentos, importa rever brevemente a história da DGPC.

Com estes princípios de salvaguarda do património, valorizados já nos séculos XIX e XX, foram publicados decretos legislativos que instituíram o sistema de proteção, organização, salvaguarda e conservação do património, dotando-o assim de um corpus legislativo específico. Estas leis destinaram-se à proteção e inventariação das obras de arte, objetos arqueológicos e monumentos, mas também tinham como objetivo a educação do povo, a constituição de tesouros nacionais e a valorização da herança cultural de Portugal. Neste sentido, passadas cerca de duas décadas desde a implantação da República, em 1929, o Ministério das Obras Públicas (MOP) criou a Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN) e que funcionou até 2007.

A DGEMN foi assim um dos serviços mais antigos da Administração Pública, pois no Decreto n.º 5541, de 9 de Maio de 1919, da orgânica do então Ministério do Comércio e Comunicações encontra-se já uma repartição com atribuições respeitantes a edifícios e monumentos nacionais. Desta repartição resultou, pouco tempo depois, o Decreto n.º 7038, de 17 de Outubro de 1920, da Administração-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, que, por sua vez, pelo Decreto n.º 16791, de 29 de Abril de 1929, haveria de dar lugar à criação da DGEMN. Teve como principais atribuições o projeto, construção e manutenção de edifícios públicos; a decisão sobre processos de classificação patrimonial; a gestão das intervenções públicas: projeto, obra e fiscalização; a autorização de obras particulares; a produção e gestão de documentação e inventário; e a elaboração de planos anuais de intervenções.

De 1929 até princípios da década de 1970, a DGEMN centralizou de modo crescente a quase totalidade das atribuições referentes a obras de monumentos nacionais do Estado e de edifícios, mas com a criação em 1969 do Fundo de Fomento da Habitação (FFH) e das direções-gerais das Construções Escolares e das Construções Hospitalares foi reduzida a extensão das suas atribuições no domínio dos edifícios públicos.

Se nos imóveis classificados de monumento nacional e de interesse público se encontram sempre definidas as atribuições da DGEMN, no setor dos edifícios já não acontece o mesmo ao longo do tempo, pois nunca foram atribuições exclusivamente suas. Essa situação justifica, no processo de simplificação e racionalização dos serviços públicos, que algumas

atribuições da DGEMN sejam transferidas para o Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana (IHRU, I. P.), no que diz respeito ao desenvolvimento e gestão do Sistema de Informação para o Património (SIPA).

Na primeira década do século XXI, na sequência da implementação do Programa de Reestruturação da Administração Central do Estado e nos termos do artigo 50.º da Lei n.º 3/2004, de 15 de Janeiro, e dos artigos 5.º, n.º 1, alínea c), 19.º e 29.º, n.º 2, alíneas c) e d), e n.º 3, alínea c), do Decreto-Lei n.º 207/2006, procedeu-se, com o Decreto-lei n.º 223/2007, de 30 de Maio, à extinção da DGEMN. As competências transitaram para o IHRU/SIPA e para o Instituto de Gestão do Património Arquitetónico e Arqueológico (IGESPAR).

Atualmente, e desde 2012, a Direção Geral do Património Cultural (DGPC) é responsável pela salvaguarda e gestão do património em Portugal continental. “As suas atribuições passam, entre muitos outros campos de atividade, pelo estudo, investigação e divulgação do Património imóvel, móvel e imaterial, pela gestão do património edificado arquitetónico e arqueológico no território e nas cidades, pela realização de obras de conservação nos grandes monumentos, pela gestão dos museus nacionais e dos monumentos classificados como Património Mundial, pela coordenação da Rede Portuguesa de Museus, pela documentação e inventário do património imaterial, indo até às intervenções de conservação e restauro de peças de património móvel e integrado”¹⁵.



Figura 5: Sítio da DGPC com o Refeitório do Mosteiro dos Jerónimos em destaque. Fonte: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt> (2022)

¹⁵ Apresentação oficial da DGPC: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/quem-somos/> (consultado em 12/06/2022)

A partir de 2020, a atribuição da direção dos museus, palácios e monumentos tutelados pela DGPC não é por nomeação, mas sim por concurso público internacional do Ministério da Cultura para comissões de serviço de três anos, com a limitação máxima de dez anos. “Até agora [2020], o regime era de três anos, sem limite de renovação, com selecção feita através da Comissão de Recrutamento e Selecção para a Administração Pública”¹⁶. O Mosteiro dos Jerónimos e Torre de Belém têm a direção conjunta da Professora Doutora Dalila Rodrigues¹⁷, tendo sucedido por nomeação em 2019 a Isabel Cruz Almeida que geriu os monumentos durante 35 anos e cessou funções devido a reforma.

Numa entrevista em 2019, a diretora anunciou que as três prioridades eram “a conservação dos dois monumentos, a gestão do acesso, já que estão sob forte pressão turística, e, por último e naturalmente, a programação de actividades, que tem duas perspetivas matriciais: a necessidade de enriquecer a visita e a de devolver os dois monumentos aos portugueses”¹⁸. O título da entrevista destacava o aumento dos preços dos ingressos para turistas e a entrada paga na igreja de Santa Maria de Belém, mas esta ainda não foi concretizada a proposta que será, provavelmente, de 2€ com distribuição de 1€ para a gestão do Mosteiro (valorização patrimonial) e 1€ para a igreja (apoio social). Atualmente, a entrada na sala da sacristia é paga. A pandemia e consequente redução do número de visitantes atrasou a implementação de novas medidas, mas com o retomar do turismo de massas será necessário intervir e inovar na gestão dos monumentos, museus e palácios tutelados pela DGPC.

1.3. Desafios e oportunidades da gestão integrada de monumentos

O Conselho Internacional de Monumentos e Sítios (ICOMOS) tem publicado nos últimos anos, em colaboração com a UNESCO e o Centro Internacional de Estudos para a Conservação e Restauro de Bens Culturais (ICCROM), manuais de referência para a gestão do património arquitetónico que se assumem como bússolas para orientar o trabalho dos diretores de monumentos e dos gestores culturais. O ensino superior em Portugal também apresenta

¹⁶ Notícia do Público sobre os concursos: <https://www.publico.pt/2020/05/12/culturaipilon/noticia/concursos-directores-museus-monumentos-abrem-mes-1916215> (consultado em 12/06/2022)

¹⁷ Comunicado do XXI Governo Constitucional: <https://www.portugal.gov.pt/pt/gc21/comunicacao/comunicado?i=dalila-rodrigues-e-a-nova-diretora-do-mosteiro-dos-jeronimos-e-da-torre-de-belem> (consultado em 12/06/2022)

¹⁸ Entrevista da Renascença e Público: <https://rr.sapo.pt/noticia/vida/2019/09/26/diretora-dos-jeronimos-e-torre-de-belem-quer-precos-mais-caros-para-turistas-e-entradas-pagas-na-igreja/165965/> (consultado em 12/06/2022)

oferta variada nesta área, como por exemplo este mestrado da FLUL ou em pós-graduações e outras formações especializadas.

Contudo, há ainda um longo caminho a percorrer na valorização e capacitação dos profissionais que atuam em Portugal, além de faltar um maior conhecimento sobre a realidade nacional em matéria de gestão patrimonial com mais publicações sobre o assunto. A principal exceção é o estudo pioneiro, publicado em dezembro de 2020 e coordenado pela Doutora Catarina Valença Gonçalves, Doutor José Tavares e Doutor José Maria Lobo de Carvalho, intitulado “Património Cultural em Portugal: Avaliação do Valor Económico e Social”¹⁹. Neste estudo, “combinando abordagens qualitativa e quantitativa, a nível nacional e com atenção às especificidades das regiões do interior e das ilhas, o trabalho quantifica, pela primeira vez, o valor económico e social do património cultural à escala do património classificado e avalia o potencial de visitantes, receitas e emprego, município a município, caso consequentes políticas públicas fossem promovidas neste sector”²⁰. É fundamental a avaliação para a melhoria contínua do setor da cultura.

No prefácio do estudo, destaco a afirmação do Presidente da Fundação Millennium bcp, Embaixador António Monteiro, em que defende que o “Património Cultural constitui um elemento essencial para a construção de uma identidade colectiva, sendo, simultaneamente, o representante dessa mesma identidade, o documento histórico onde se pode ler grande parte da nossa ancestralidade comum, nas suas várias dimensões: cultural, social, artística, económica, científica, espiritual. É uma herança do passado de enorme valor, tanto material como simbólico, que, em prol da cultura e do desenvolvimento, temos a responsabilidade e o dever de transmitir às gerações futuras. É por isso, essencial garantir a sua salvaguarda e preservação”²¹.

Com base nestas definições de património cultural enquanto identidade coletiva, documento histórico e com várias dimensões, compreendemos a importância de haver uma avaliação económica e social, de modo a reconhecer totalmente o seu valor. O património cultural escolhido para esta avaliação foi o património imóvel, nomeadamente o arquitetónico, arqueológico e paisagístico. Isto é, os autores não trataram o património móvel nem o imaterial, deixando assim em aberto o caminho para novos estudos.

¹⁹ Estudo Valor do Património: <https://www.valordopatrimonio.pt/> (consultado em 12/06/2022)

²⁰ *Património Cultural em Portugal: Avaliação do Valor Económico e Social*, 2020, p. 6 (sumário executivo)

²¹ *Património Cultural em Portugal: Avaliação do Valor Económico e Social*, 2020, p. 13 (estudo completo)

Quanto à problemática, ou melhor, as problemáticas identificadas, os autores apontam para uma dupla falha em Portugal. Ao nível estrutural, falha devido à quantidade e qualidade dos recursos patrimoniais que estão dispersos no país, mas há uma concentração do público visitante em Lisboa, Porto e Sintra. Por outro, os recursos são visitados sobretudo por estrangeiros não residentes (mais de 70%)²² e os potenciais mais de 10 milhões de residentes em Portugal ainda não são incentivados ou mobilizados para o usufruto do seu património cultural. Assim, o estudo visa promover um “ativo totalmente adormecido no país”²³.

A metodologia adotada consistiu na análise de dados quantitativos e qualitativos, sobretudo dos anos 2015 a 2019, alcançando assim um retrato real do Portugal contemporâneo, tanto a nível local como nacional. Estes dados estavam dispersos porque na sua maioria são recolhidos por várias entidades, como a Direção Geral do Património Cultural, as direções regionais de Cultura e autarquias, etc. Como outras fontes de dados, consultaram o *Marktest Sales Index (2017)*²⁴, o Instituto Nacional de Estatística²⁵ e a Pordata²⁶.

Nesta metodologia, também apresentam uma revisão das políticas patrimoniais desde 1974, ano da Revolução de Abril, até 2019. Sobre uma das instituições, a Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, importa relembrar, tal como afirma Neto, que “o plano de atuação da DGEMN foi sendo determinado pelos mecanismos ideológico-políticos que se sobrepuseram a factos, quer de ordem técnica, quer de ordem estético-artística, no plano da salvaguarda do património artístico nacional”²⁷. As recomendações técnicas e *Policy Oriented* que o estudo aponta neste âmbito, sobretudo na dimensão institucional, promovem “a reorganização do papel do Estado através da criação, dentro da DGPC, de uma ágil ‘Unidade de Fruição Patrimonial’ – recuperando o termo feliz consagrado na Constituição Portuguesa – transversal aos vários departamentos e encarregue da concretização da dimensão estratégica atrás apontada, em estreita sintonia com outros sectores da actuação governamental, bem como com os actores privados da dinâmica patrimonial”²⁸.

²² *Património Cultural em Portugal: Avaliação do Valor Económico e Social*, 2020, p. 5 (sumário executivo)

²³ Estudo divulgado na comunicação social: <https://observador.pt/2020/12/09/estudo-conclui-que-patrimonio-cultural-pode-ter-dobro-de-visitantes-e-triplo-da-receita> (consultado a 06/05/2022)

²⁴ Marktest: <https://www.marktest.com/wap/a/n/id~2207.aspx> (consultado a 06/05/2022)

²⁵ INE: <https://www.ine.pt/> (consultado a 06/05/2022)

²⁶ PORDATA: <https://www.pordata.pt/> (consultado a 06/05/2022)

²⁷ NETO, Maria João, *Memória, Propaganda e Poder - O Restauro dos Monumentos Nacionais (1929-1960)*, Série 1 – Ensaios, nº 10, Porto: FAUP Publicações, 2001, p. 258

²⁸ *Património Cultural em Portugal: Avaliação do Valor Económico e Social*, 2020, p. 197 (estudo completo)

No capítulo referente às medidas para o futuro, o estudo alerta que Portugal não tem uma estratégia nacional, isto é, não existe um documento técnico que oriente as ações e planeamento público e privado, no mínimo a 10 anos, como estratégia supra institucional para o desenvolvimento do país. Nesta estratégia, a que dão o nome de “Estratégia Nacional do Património Cultural” (ENPC), os autores defendem que deve ser fomentada a educação patrimonial, sobretudo das crianças e jovens, através de, por exemplo, mais formação profissional na área cultural. Com este trabalho, há uma fundamentação do património cultural como ativo estratégico para o futuro do turismo cultural em Portugal.

Uma das conclusões do estudo é a necessidade de existir uma gestão integrada dos ativos estratégicos e endógenos que tenha em consideração também as paisagens e jardins, como acontece por exemplo na relação entre a Torre de Belém e o jardim projetado por Viana Barreto em 1955²⁹. A gestão integrada do património foi planeada para a zona de Belém em 2015, numa proposta de António Lamas, mas não saiu do papel devido a divergências entre as entidades envolvidas³⁰, num processo liderado pelo Centro Cultural de Belém. Em 2022, o Professor António Lamas foi nomeado³¹ para presidente da Sociedade de Reabilitação Urbana da Câmara Municipal de Lisboa, abrindo assim novamente uma janela de oportunidade para novos projetos de gestão integrada do património na cidade de Lisboa ou até mesmo a recuperação do plano para o eixo Belém-Ajuda.

Tal como afirmou o Dr. Guilherme d’Oliveira Martins, “o património cultural apenas poderá ser adequadamente protegido se for encarado no contexto dos grandes desafios da civilização. Falar de património cultural como realidade viva, e considerá-lo na sua contemporaneidade, obriga-nos a adotar uma estratégia em que as questões ecológicas sejam tidas em consideração”³². A gestão do património deve integrar as novas soluções que hoje existem, tanto ao nível dos materiais de construção, como das tintas utilizadas, equipamentos e serviços que contribuam para a conservação preventiva, manutenção eficiente e para a melhoria da qualidade de fruição destes espaços, assim como para a qualidade de vida das comunidades locais.

²⁹ Jardim Viana Barreto: http://www.monumentos.gov.pt/site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=27093 (consultado em 13/05/2022). “1955, dezembro - Viana Barreto formaliza os planos de plantação da zona envolvente da Torre de acordo com os conceitos apresentados na proposta anterior”

³⁰ Plano Belém no Observador: <https://observador.pt/2016/03/16/distrito-cultural-belem-afinal-problemas-plano/> (consultado em 13/06/2022)

³¹ António Lamas no Público: <https://www.publico.pt/2022/01/13/local/noticia/antonio-lamas-escolhido-liderar-empresa-municipal-obras-lisboa-1991682> (consultado em 17/06/2022)

³² MARTINS, *Património Cultural – Realidade Viva*, Lisboa: FFMS, 2020, p.73

Para esta nova gestão do património cultural, é necessário orçamento adequado à dimensão dos monumentos, sendo que, no atual modelo de gestão instituído, as verbas são geridas de forma centralizada pela DGPC, ou seja, as direções dos monumentos ainda não têm autonomia financeira, apesar de tal já estar previsto por lei (Decreto-Lei n.º 78/2019)³³. Com o número de visitantes a retomar em 2022 os números habituais pré-pandemia, isto é, o Mosteiro dos Jerónimos com mais de 1 milhão de visitantes por ano e a Torre de Belém com cerca de 500 mil, é necessário rever estes modelos de gestão e atribuir mais autonomia às direções para aplicar diretamente parte destas receitas na gestão dos monumentos, que rondavam os sete milhões de euros por ano em 2019, nomeadamente com obras de conservação, restauro e/ou requalificação, assim como o reforço dos recursos humanos e o investimento na produção de eventos e publicações científicas.

1.4. Conservação preventiva e equipamentos de segurança e comunicação

No Mosteiros dos Jerónimos e Torre de Belém, a direção organiza reuniões regulares com os funcionários da DGPC que trabalham nos dois monumentos, com os funcionários da empresa contratada para os serviços de segurança e também com os funcionários da limpeza. Apesar de não existir um documento atualizado com o plano de conservação preventiva, são apresentadas instruções de conservação preventiva aos funcionários, de modo a orientar a prática profissional para a salvaguarda dos monumentos. Por exemplo, nos pavimentos em madeira do mosteiro não é utilizada água na limpeza, foram instaladas câmaras de vigilância para prevenir comportamentos de vandalismo e roubo, entre outras medidas.

A direção dos monumentos monitoriza, juntamente com os seguranças e assistentes de sala, os fluxos de visitantes, com o objetivo de restringir o número de visitantes em simultâneo no interior dos monumentos. Contudo, faltam recursos humanos dada a dimensão dos monumentos e esta situação obriga ao encerramento ocasional de alguns espaços nos circuitos de visita, consoante o número de assistentes de sala disponíveis.

Durante o período de estágio, não havia um coordenador da segurança interno, isto é, funcionário da DGPC, sendo esta função assegurada pela diretora e por um funcionário da empresa contratada. Contudo, estava previsto abrir vaga para este cargo com o objetivo de

³³ Decreto publicado em junho de 2019: <https://dre.pt/dre/detalhe/decreto-lei/78-2019-122498959> (consultado em 20/06/2022)

reforçar as medidas de segurança e conservação preventiva. Quanto à comunicação, a coordenadora desta área foi transferida para outro serviço da DGPC, mas também estava a decorrer procedimento concursal para esta função aquando da conclusão do estágio.

1.5. Turismo cultural e caminhos para a sustentabilidade

Para responder a um dos maiores desafios do século XXI, as alterações climáticas, diversas organizações internacionais como o ICOMOS, o International Council of Museums (ICOM) e a UNESCO têm criado nos últimos anos grupos de trabalho específicos³⁴ para promover a sustentabilidade nas áreas da cultura, inclusive em monumentos e espaços museológicos, e produzido documentos orientadores para os gestores culturais. Em Portugal, a Direção Geral do Património Cultural (DGPC) publicou em novembro de 2020 o relatório final do “Grupo de Projeto Museus no Futuro” (GPMF), em que destaca a sustentabilidade como um “previsível impacto no devir dos museus e monumentos”³⁵. Este capítulo, constituído por cinco parágrafos, é intitulado de “Sustentabilidade” e apresenta algumas informações sobre as alterações climáticas, as recomendações do ICOMOS e das Nações Unidas e alerta sobre o aumento dos riscos para o património cultural.

Contudo, entendem que “o desenvolvimento sustentável do sector museológico e patrimonial suscita um espectro vasto de interrogações. A necessidade de poupança de energia e de redução da pegada ecológica levantam questões de compatibilização com as regras e os requisitos de conservação das coleções, a gestão das reservas, a circulação de bens culturais e a manutenção das instalações numa perspetiva sustentável. As intervenções no património edificado, com atenção à eficiência energética e à redução do consumo de água, redução de resíduos, eliminação do plástico de uso único, ou à promoção de estacionamento de bicicletas no exterior das instalações são alguns exemplos de medidas de sustentabilidade ambiental a desenvolver e a ampliar. (...) A adoção deste paradigma pelos museus e monumentos incidirá numa gestão responsável, implicando alterações nas práticas e no funcionamento” (GPMF, p. 16).

³⁴ Grupo de trabalho para a sustentabilidade – ICOM: <https://icom.museum/en/committee/working-group-on-sustainability/> (consultado em 10/05/2022)

³⁵ Relatório "Museus no Futuro": <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/docs/2020/11/16/RelatorioMuseusnoFuturo04112020a.pdf>, p.12 (consultado em 02/05/2022)

Apesar de ser apenas uma página neste relatório, mas encontramos aqui afirmações que podem ser decisivas para o futuro da gestão cultural em Portugal. Tendo como horizonte a Agenda 2030 das Nações Unidas, este relatório destaca que “o compromisso dos museus e monumentos com a sustentabilidade ambiental afirmar-se-á por via da aplicação de boas práticas no seu funcionamento”, isto é, reconhecem que os gestores dos museus e monumentos, públicos e privados, devem fazer alterações na gestão e implementar estratégias e planos de ação climática nas suas instituições.

Sobre o primeiro parágrafo, em que há um reconhecimento da gestão do património cultural estar muitas vezes alheia aos desafios globais, saliento que as recomendações a que se referem foram publicadas pelo ICOMOS em 2019, no relatório “*Future of Our Pasts: Engaging Cultural Heritage in Climate Action*”³⁶, tendo em conta as metas definidas em 2015 no Acordo de Paris³⁷. Curiosamente, este relatório da DGPC para os “Museus no Futuro” não faz qualquer referência a recomendações do ICOM sobre sustentabilidade, apesar das várias iniciativas existentes.

Considero que o termo sustentabilidade deve ser substituído por ação climática, pois “sustentabilidade” tanto é utilizado para referência a temas financeiros como confundido com o verbo sustentar e, assim, facilmente perde o seu valor simbólico relacionado com a ecologia, natureza e conservação dos recursos. Esta mesma confusão de significados consta por diversas vezes no relatório, como por exemplo: “A sustentabilidade dos MPM e da sua ação só estará garantida se se assegurar que a componente da sua dotação orçamental de base proveniente do Orçamento do Estado é suficiente” (GPMF, p. 62).

O que proponho é dar preferência à terminologia “ação climática” para designar as necessárias intervenções humanas que visem promover a conservação dos recursos naturais, mas também dos recursos culturais que estão ameaçados pelas alterações climáticas, nomeadamente através da maior recorrência de fenómenos climatéricos extremos; da subida do nível do mar, afetando o património construído que se encontra no litoral; entre outros fatores. Para enfrentar estes riscos, devem ser planeadas e implementadas medidas de mitigação e de adaptação às alterações climáticas.

³⁶ “Future of Our Pasts”: <https://www.icomos.org/en/77-articles-en-francais/59522-icomos-releases-future-of-our-pasts-report-to-increase-engagement-of-cultural-heritage-in-climate-action> (consultado em 10/05/2022)

³⁷ Acordo de Paris – UNFCCC: <https://unfccc.int/process-and-meetings/the-paris-agreement/the-paris-agreement> (consultado em 10/05/2022)

A este propósito, o ICOM apresentou uma resolução em Quioto, no encontro trienal em 2019³⁸, intitulada de “*On sustainability and the implementation of Agenda 2030, Transforming our World*”³⁹. Este documento foi aprovado por unanimidade e consta a seguinte declaração: “compreendendo que os museus, como fontes confiáveis de conhecimento, são recursos importantes para envolver as comunidades e estão idealmente posicionados para capacitar a sociedade global a imaginar coletivamente, projetar e criar um futuro sustentável para todos, a 34ª Assembleia Geral recomenda que o ICOM, os seus Comitês, Alianças, Organizações Afiliadas e Secretariado: reconheçam que todos os museus têm um papel a desempenhar na formação e criação de um futuro sustentável através dos nossos vários programas, parcerias e operações; promovam o apelo urgente do Grupo de Trabalho sobre Sustentabilidade do ICOM para que os museus respondam, repensando e reformulando os seus valores, missões e estratégias; familiarizem-se com, e ajudem a concretizar de todas as maneiras possíveis, os objetivos e metas dos ODS da ONU e usem a Agenda 2030 ‘Transformando o nosso Mundo’ como a estrutura de orientação para incorporar a sustentabilidade nas nossas próprias práticas internas e externas e programação educacional; capacitem as próprias instituições, os visitantes e as nossas comunidades através de contribuições positivas para alcançar as metas da Agenda 2030, reconhecendo e reduzindo o nosso impacto ambiental, incluindo a nossa pegada de carbono, e ajudando a garantir um futuro sustentável para todos os habitantes do planeta: humanos e não humanos” (ICOM, 2019, p.2 – tradução pelo autor).

Por ocasião do Dia da Terra 2021, o ICOM organizou um webinar: “Património Cultural e Sustentabilidade”⁴⁰, moderado por Caitlin Southwick, fundadora do projeto Ki Culture⁴¹, sediado em Amesterdão. Este evento virtual reuniu profissionais de museus de quatro regiões diferentes. O painel discutiu o que a sustentabilidade significa em diferentes partes do mundo e destacaram como as parcerias e a comunicação são decisivas para o sucesso das ações climáticas.

Em Londres, tanto o Tate, que esteve representado no webinar do ICOM com a sua diretora, Frances Morris, como o Museu de História Natural de Londres (MHNL) têm assumido

³⁸ “Curating Sustainable Futures Through Museums”:

<https://www.youtube.com/watch?v=De09I9Gp3vI> (consultado em 10/05/2022)

³⁹ Agenda 2030 – ICOM: <https://icom.museum/wp-content/uploads/2021/01/Resolution-sustainability-EN-2.pdf> (consultado em 10/05/2022)

⁴⁰ Webinar ICOM: <https://icom.museum/en/news/earth-day-webinar-museums-sustainability/> (consultado em 02/05/2022)

⁴¹ Ki Culture: <https://www.kiculture.org/> (consultado em 02/05/2022) é uma organização não governamental (ONG) que trabalha as ligações entre cultura e sustentabilidade.

a liderança com decisões importantes. Em 2003, o MHNL conseguiu alcançar a certificação ambiental ISO 14001⁴², relativa à gestão ambiental, ao implementar as seguintes medidas: utilização em exclusivo de papel 100% reciclado, as madeiras utilizadas são certificadas com selo FSC e 65% recicladas, os tinteiros são 95% reciclados, os equipamentos elétricos e eletrónicos são reparados e reciclados, 70% dos equipamentos de exposição temporária são doados a instituições de solidariedade social e asseguram a reciclagem de 100% dos óleos alimentares usados, entre outras medidas. Alguns museus, como o Museu de Belas Artes de São Petersburgo, vão além da redução do consumo de recursos naturais e promovem iniciativas de valorização da biodiversidade, como a instalação de colmeias na cobertura do museu⁴³.

Para promover ativamente estas mudanças na gestão do património cultural, o ICOMOS declarou a Emergência Climática em dezembro de 2020⁴⁴, tal como já tinha assumido o museu Tate em 2019⁴⁵. A declaração do ICOMOS reconhece o imenso potencial do património cultural para permitir uma ação climática inclusiva, transformadora e justa. O ICOMOS apela que os gestores culturais e as comunidades locais trabalhem em conjunto para aproveitar este potencial e salvaguardar o património dos impactes climáticos adversos, alcançar um desenvolvimento sustentável resiliente ao clima e reconhecer a equidade e a justiça como dimensões fundamentais da ação climática. Em março deste ano, o ICOMOS publicou um guia prático⁴⁶ em que apresenta casos de estudo para cada um dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. Sobre as parcerias (ODS 17), é apontada a “Climate Heritage Network⁴⁷” como a rede capaz de reunir pessoas, instituições e governos e liderar a necessária transição climática.

Para aprofundar esta análise das estratégias internacionais e nacionais, assim como para avaliar as práticas implementadas nos museus e monumentos portugueses, sugiro que seja realizada uma recolha de dados através de entrevistas a diretores e às entidades que tutelam, como a DGPC e Câmaras Municipais, de modo a analisar se existem planos de ação climática ou gestão ambiental em execução e identificar os eixos prioritários para a descarbonização do setor. Com esta avaliação e definição de prioridades, será possível promover iniciativas de

⁴² ISO 14 001 - Museus: <https://www.bsigroup.com/en-GB/about-bsi/media-centre/press-releases/2003/7/UK-Museum-First-Registered-Environmental-Management-System/> (consultado em 02/05/2022)

⁴³ Abelhas no MFA: <https://mfastpete.org/programs/honey-bees-at-the-mfa/> (consultado em 02/05/2022)

⁴⁴ Emergência Climática – ICOMOS: <https://www.icomos.org/en/focus/climate-change/85740-icomos-declares-a-climate-emergency> (consultado em 10/05/2022)

⁴⁵ Museu Tate: <https://www.tate.org.uk/press/press-releases/tate-directors-declare-climate-emergency> (consultado em 02/05/2022)

⁴⁶ ODS – ICOMOS: https://www.icomos.org/images/DOCUMENTS/Secretariat/2021/SDG/ICOMOS_SDGs_Policy_Guidance_2021.pdf (consultado em 02/05/2022)

⁴⁷ Climate Heritage: <http://climateheritage.org/> (consultado em 02/05/2022)

transição climática na cultura, tal como preconiza o Plano de Recuperação e Resiliência, e evitar projetos como a construção de parques de estacionamento para automóveis junto a museus, como pretendem fazer no Museu Nacional de Arte Antiga.

Pelo contrário, é necessário promover a mobilidade suave, através do uso da bicicleta, transportes públicos, ou mesmo melhorar os acessos pedonais aos museus. Como guia prático, também foi publicado em 2008 o livro “*The Green Museum, A Primer on Environmental Practice*”⁴⁸, da autoria de Sarah Brophy e Elizabeth Wylie. Todavia, em 2022, ainda há um longo caminho a percorrer nas instituições culturais portuguesas para concretizar a descarbonização do setor e contribuir para a mitigação e adaptação às alterações climáticas.

Para continuar a refletir sobre o turismo cultural e a sustentabilidade, vou agora analisar um artigo⁴⁹ de 2016 em que a revista VISÃO dedicou o tema de capa ao turismo. Num texto escrito por Rita Montez, Luísa Oliveira e Cesaltina Pinto, exploraram os argumentos a favor e contra o aumento de turistas em Portugal, com destaque para as cidades de Lisboa e Porto. Na capa, encontramos um esboço do Mosteiro dos Jerónimos (Lisboa) num fundo amarelo e radiante, como que um sol, e um ajuntamento de vultos que expressam expressões antagónicas como “venham mais”, “já chega” ou “são muito bem-vindos” e “estamos fartos deles”.

“Turistas” é o mote para uma reportagem extensa e ilustrada com fotografias de Gonçalo Rosa da Silva e ainda algumas infografias. São apresentadas 15 fotografias, das quais apenas 1 da cidade do Porto com vista para as caves de vinho em Vila Nova de Gaia, sendo que todas as outras 14 fotografias são de Lisboa, com diversas paisagens humanizadas, desde retratos de residentes que trabalham na área do turismo cultural, como condutores de *tuk-tuk* ou estátuas vivas, mas também o movimento de grupos de turistas em *segway* que exploram os bairros históricos de Lisboa.

O ponto de partida da reportagem é o Terreiro do Paço, também designado por Praça do Comércio, em Lisboa, e destaca desde logo as grandes transformações que ocorreram em poucos anos nesta zona da cidade: o trânsito e os sem-abrigo foram substituídos por luz, mármore e fachadas brilhantes e restaurantes com esplanadas e produtos *gourmet*. Mas talvez fosse importante questionar se as pessoas sem-abrigo saíram desta condição ou, como é evidente nas imediações, foram apenas “transferidas” para o Cais do Sodré de modo a

⁴⁸ “The Green Museum”: <https://books.google.pt/books?id=MSI60ZXlh0AC&lpq=PP1&hl=pt-PT&pg=PP1#v=onepage&q&f=false> (consultado em 10/05/2022)

⁴⁹ Revista Visão, n.º 1214. Rita Montez, Cesaltina Pinto, Luísa Oliveira, Gonçalo Rosa da Silva, junho de 2016

maquilhar uma Baixa com graves problemas sociais, como a venda de estupefacientes na via pública.

Logo no início do texto, são destacados os “guias turísticos modernos, com um discurso fluido e muita bagagem cultural para satisfazer a curiosidade dos clientes”⁵⁰. Se, por um lado, temos profissionais cada vez mais qualificados nas áreas culturais, teremos cada vez mais viajantes interessados em conhecer e vivenciar as realidades locais? Ou, pelo contrário, temos cada vez mais turistas apenas interessados em frequentar circuitos turísticos, pré-formatados e prontos a consumir?

A reportagem opta por abordar primeiro os contributos positivos do turismo em Portugal, nomeadamente na criação de postos de trabalho, aumento das receitas turísticas e, como aponta Gonçalo de Almeida, administrador do grupo hoteleiro Vila Galé, “permite a requalificação da oferta, motiva novos investimentos e serviços (nomeadamente hotéis e empresas de animação turística), incentiva a recuperação de edifícios e património histórico degradado e devoluto, dinamiza as atividades culturais e revitaliza o comércio local”⁵¹.

A fonte dos dados apresentados é o Turismo de Portugal, entidade que tem promovido a qualificação do destino e reforçado a imagem de Portugal como um país “de pessoas para pessoas”⁵², ou seja, um destino que tem a hospitalidade como um dos conceitos-chave, mas que, ao mesmo tempo, reconhece a falta de qualificações profissionais e académicas neste setor. Nos últimos cinco anos, desde que a reportagem foi publicada, o turismo teve um crescimento progressivo até 2020 e, a partir do segundo trimestre, uma redução drástica devido à pandemia provocada pelo vírus SARS-CoV-2, responsável pela doença Covid-19.

Este crescimento contínuo desde 1998, ano que marcou a requalificação urbanística da capital, sobretudo com a criação do Parque das Nações, fica ainda assim muito longe dos números de outras cidades europeias, como Veneza que recebe (ou melhor, recebia até antes da pandemia) cerca de “20 milhões de pessoas, mais do que os que visitaram Portugal inteiro o ano passado [2015]”⁵³. Na nossa opinião, este é um ponto fundamental para compreender o panorama do setor turístico em Portugal: há grande margem de crescimento, não apenas no

⁵⁰ Revista Visão, *Idem*, p.40

⁵¹ Revista Visão, *Ibidem*, pp.40-41

⁵² Estratégia Turismo de Portugal 2027: http://business.turismodeportugal.pt/pt/Conhecer/estrategia-turismo/Estrategia_2027/Paginas/default.aspx, p. 47 (consultado em 16/03/2022)

⁵³ Revista Visão, *Ibidem*, p.40

número de turistas, mas também do número de camas (hotéis, *hostels*, alojamento local, etc), desde que bem coordenado e descentralizado.

Esta reportagem contribuiu para acentuar, mais uma vez, o protagonismo de Lisboa e Porto, mas deveria ter abordado outros importantes núcleos de interesse como Braga-Gerês, Bragança-Montesinho, Aveiro, Coimbra, Ribatejo, Évora-Monsaraz, Costa Alentejana e Vicentina, Barlavento e Sotavento (tanto litoral como as serras), e ainda Regiões Autónomas da Madeira e dos Açores, entre tantos outros em Portugal.

No Porto, a transformação e renovação urbanística foi ainda mais evidente, através da reabilitação de edifícios devolutos, mas também com a instalação de novos negócios no comércio local do Centro Histórico que promoveu também a fixação de mais residentes. Contudo, os preços para compra e arrendamento de casas/apartamentos têm vindo a subir, acompanhando o aumento de turistas e a requalificação urbana. A gentrificação – “o processo de valorização imobiliária de uma zona urbana, geralmente acompanhada da deslocação dos residentes com menor poder económico para outro local”⁵⁴ – tem acontecido em zonas como Alfama ou Mouraria (Lisboa), ou no centro histórico do Porto, mas também em cidades como o Funchal ou Coimbra.

A subida de preços incentivada pela pressão imobiliária, tal como aconteceu em cidades europeias como Roma, Paris ou Barcelona, entre outras, tem sido associada diretamente ao turismo massificado. Contudo, não podemos ignorar que foi precisamente este turismo que possibilitou a requalificação dos edifícios e o rejuvenescimento da vida urbana e do tecido empresarial local. As “Lojas com História”, projeto promovido pela Câmara Municipal de Lisboa, ou ainda a loja “Vida Portuguesa”, mencionada na reportagem, têm como principais clientes os turistas que procuram produtos autênticos e tradicionais.

Tal como aponta Luísa Oliveira, “nem sempre se encontram respostas lineares para a pergunta – turismo, sim ou não? A questão, complexa e emocional, está a gerar antagonismos”⁵⁵. Para encontrar respostas equilibradas, na nossa perspetiva, devem multiplicar-se exemplos como os do projeto “*Lisbon Sustainable Tourism*”, “organizando passeios com um máximo de seis participantes e derivando para zonas fora do perímetro mais quente”⁵⁶. A gestão de turistas e percursos, assim como das receitas turísticas geradas, inclusive

⁵⁴ Revista Visão, *Ibidem*, p.46

⁵⁵ Revista Visão, *Ibidem*, p.46

⁵⁶ Revista Visão, *Ibidem*, p.47

as taxas camarárias, deve ser supervisionada por entidades competentes, como o “Turismo de Lisboa”, de forma a garantir uma gestão integrada da procura e da oferta turística. A criação de novos polos de interesse em zonas menos procuradas, como as freguesias das Avenidas Novas, Alvalade, Beato ou Parque das Nações (Lisboa) também promove a descentralização e a criação de postos de trabalho qualificado, através de projetos como o Hub Criativo Beato que está a ser instalado numa antiga zona industrial.

Termino esta análise destacando o último capítulo da reportagem – “Lisboa, uma Disneylândia?”. Mais importante do que discutir se as cidades são transformadas em parques temáticos para os turistas visitarem, é alertar, tal como faz João Seixas, para a necessidade de coesão social. Precisamos de sociedades e comunidades que respeitem e valorizem a diversidade cultural e que estejam abertas à inovação e, ao mesmo tempo, cultivem a tradição no seu quotidiano. Precisamos de pessoas e comunidades conscientes das responsabilidades individuais e coletivas que vivem, tal como conclui o artigo, “sempre em paz”⁵⁷.



Figura 6: Reportagem "Turistas" - Revista Visão (2016). Fonte: <https://24.sapo.pt/jornais/nacional/4104/2016-06-09> (consultado em 28/07/2022)

⁵⁷ Revista Visão, *Ibidem*, p.50

Capítulo 2 - Contributos para a Valorização Patrimonial do Legado de D. Manuel I

2.1. Investigação

Para conhecer melhor os espaços e as estruturas arquitetónicas do Mosteiro dos Jerónimos e da Torre de Belém, comecei por consultar alguma da bibliografia, nomeadamente obras de Paulo Pereira, Rafael Moreira e José Manuel Garcia. Nos últimos cinco anos, não há registo de novas publicações sobre a Torre de Belém, mas foi publicada em 2019, pela Professora Doutora Clara Moura Soares, uma importante obra sobre o restauro do Mosteiro dos Jerónimos no século XIX.

A investigação sobre a Torre de Belém, solicitada pela direção dos monumentos devido às obras previstas no Plano de Recuperação e Resiliência (PRR), incidiu sobre a caixilharia instalada, sobre o mobiliário e canhões adquiridos no século XX e descobri que a caixilharia foi intervencionada já no século XXI, apesar de não estar publicada essa informação no Sistema de Informação para o Património Arquitetónico (SIPA). Esta descoberta deveu-se ao contacto direto com a empresa Teixeira Duarte, S.A. que interveio em 1999 e depois em 2005. Já no século XXI, conforme verificamos na fotografia enviada pela empresa, a nave do baluarte serviu de oficina para trabalhos de carpintaria.



Figura 7: Nave do baluarte da Torre de Belém. Fotografia: Teixeira Duarte, S.A. (2005)

A par desta linha de investigação, também analisei documentários da RTP Arquivos e Cinemateca Portuguesa sobre a Torre de Belém, de modo a fazer uma comparação visual da caixilharia na torre ao longo do século XX; e visitei o Forte de Sacavém. Nesta fortificação militar, encontra-se instalado o arquivo do SIPA onde consultei mais de 2000 páginas (arquivos textuais) e 220 imagens (fontes documentais) na Sala Multimédia com pesquisa por “torre belém”. As pastas consultadas foram digitalizadas em 2004. Além da pesquisa sobre a caixilharia, também investiguei mais informações sobre o mobiliário adquirido para a Torre de Belém, de modo a colaborar na preparação da exposição “Passado Inventado. Objetos e cenografias das Comemorações Henriquinas na Torre de Belém” que foi inaugurada este ano no mosteiro hieronimita.

2.1.1. Territórios partilhados: a gestão da Torre de Belém e da sua envolvente

Com o objetivo de esclarecer as questões relacionadas com a gestão da envolvente da Torre de Belém, ou seja, quais as entidades que gerem a envolvente e qual a área que é tutelada pela DGPC, num trabalho que deu continuidade à pesquisa do Dr. Rafael Alfenim, contactei a Câmara Municipal de Lisboa e a Administração do Porto de Lisboa (APL). Consultei a documentação reunida pelo Dr. Alfenim e comparei com os dados do Plano Diretor Municipal⁵⁸ (PDM) de Lisboa em vigor e com o mapa oficial do Porto de Lisboa⁵⁹.

A área afeta à DGPC corresponde à envolvente da Torre até ao limite da escadaria (área delimitada a verde na figura 7), segundo a informação publicada no mapa da APL, numa área total de cerca de 7.000 m². Contudo, a planta do PDM atribui toda a envolvente da Torre de Belém como área de jurisdição da APL. A APL defende, com base numa "interpretação extensiva do objeto do Dec. Lei n.º 377/84", que a conservação e manutenção da Torre de Belém e "respetivas estruturas de acesso e proteção à mesma,"⁶⁰ são competência da DGPC/Ministério da Cultura.

⁵⁸ SIG Lisboa: <https://websig.cm-lisboa.pt/MuniSIG/visualizador/index.html?viewer=LxInterativa.LXi> (consultado em 11/06/22)

⁵⁹ Mapa do Porto de Lisboa: <https://www.portodelisboa.pt/web/guest/mapa-do-porto> (consultado em 10/06/2022)

⁶⁰ Email do Gabinete de Estudos e Planeamento (GEP) recebido a 10/11/2021



Figura 8: Área tutelada pela DGPC, segundo a APL. Fonte: [Mapa do Porto de Lisboa](#)

Através de email, informam que no “Dec. Lei n.º 377/84, de 30 de novembro o imóvel denominado Torre de São Vicente de Belém, mais conhecido por Torre de Belém, foi afetado ao Ministério da Cultura, através do então Instituto Português do Património Cultural; apesar do referido diploma se referir unicamente ao imóvel, foi sempre entendimento desta Administração Portuária que, a partir do dia 30 de novembro de 1984, além de ter sido extinta toda e qualquer responsabilidade da APL pela conservação e manutenção da Torre de Belém, tal extinção incluiu também as respetivas estruturas de acesso e proteção à mesma, nomeadamente escadaria, lajedado de cantaria, passadiço de acesso e bacia de retenção de água das marés, consideradas partes integrantes do imóvel em causa; de facto, deveremos fazer uma interpretação extensiva do objeto do Dec. Lei n.º 377/84 pois, caso contrário, tratar-se ia de um imóvel com uma autonomia muito restrita que impediria, certamente, proporcionar visitas aos turistas e cobrar as respetivas taxas”⁶¹.

Contudo, a CML tem outro entendimento, ao afirmar que “apenas a Torre de Belém é tutelada pela DGPC; o espaço envolvente, que se insere na ZEP da Torre de Belém, pode ser municipal ou privado mas obriga a emissão de parecer vinculativo por parte da DGPC para qualquer operação urbanística nessa zona. Se consultar o mapa interativo (PDM/Planta de Condicionantes I) pode ver que o espaço mais imediato à Torre de Belém está sob a jurisdição da APL (Administração do Porto de Lisboa)”⁶². Assim, entendo que a questão deve ser

⁶¹ Idem (GEP), recebido a 10/11/2021

⁶² Informação enviada pelo Centro de Informação Urbana de Lisboa (CIUL) por email no dia 24/11/2021

resolvida mediante uma reunião com as partes envolvidas, ou seja, entre a DGPC, a APL e a CML, de modo a esclarecer estes diferentes entendimentos jurídico-administrativos.

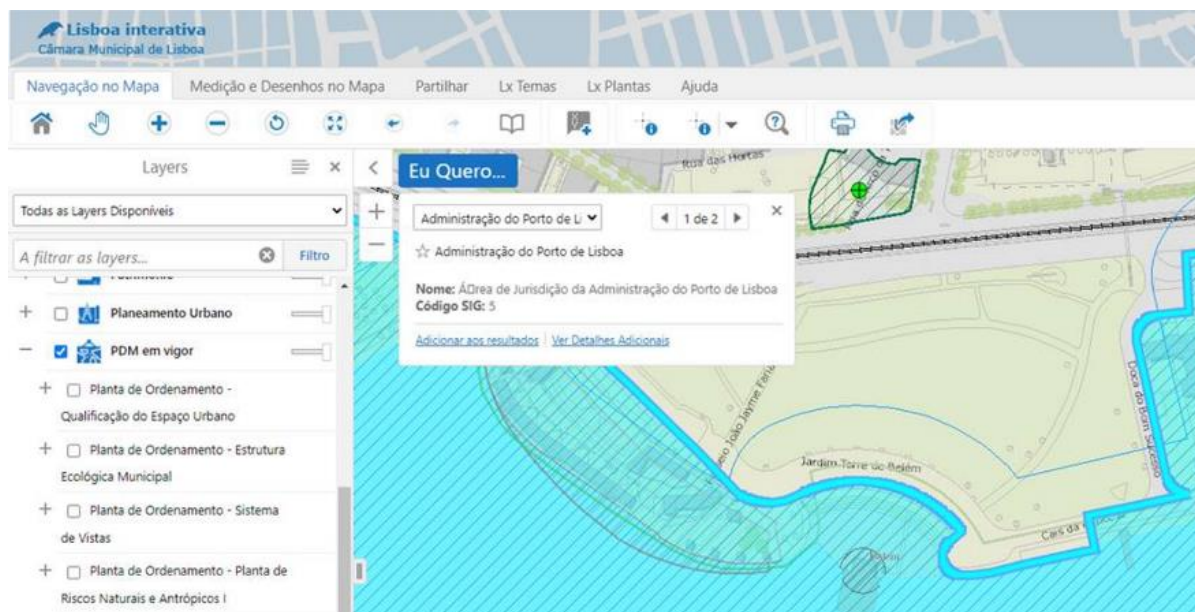


Figura 9: Área tutelada pela APL, segundo a CML. Fonte: [PDM](#) (2021)

2.1.2. As intervenções realizadas na caixilharia da Torre de Belém nos séculos XX e XXI

Sobre as informações recolhidas no SIPA, destacamos que nas obras de 1955 para “reparação e pintura de caixilhos na Torre de Belém”, adjudicada à empresa Prêza, Lda. há registo a 24 de setembro de 1955 de não existir “dotação (...) para satisfação das pessoas com a empreitada” (SIPA TXT.00425188), ou seja, não havia financiamento disponível para a proposta de 8 de setembro de 1955 em que se comprometiam a executar o trabalho “pela quantia de 15.000\$ (quinze mil escudos), no prazo de 30 (trinta) dias” (SIPA TXT. 00425185). Esta documentação consta de um dossiê de 1954 com o título de “Obras urgentes de beneficiação da Torre” (SIPA TXT.00425175). Assim, ao longo do século XX, por diversas vezes foi dada particular importância à conservação e restauro da caixilharia da Torre de Belém, assumindo mesmo o caráter de urgência, devido sobretudo pela exposição ao vento, chuva, humidade e ondulação do rio Tejo e proximidade ao oceano Atlântico.

Em 27 de junho de 1962, o Diretor-Geral da APL, Engenheiro Pedro Nunes, escreveu uma carta ao Diretor-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, a solicitar esclarecimentos sobre a obra prevista para a Torre de Belém, ou seja, a APL desconhecia os trabalhos previstos, apesar de ser a entidade que tutelava o monumento e que, neste caso, pagava as “despesas de

conservação e aproveitamento de material”. A obra teve um orçamento previsto de “30 contos”, ou seja, o dobro do custo relativo à obra de 1955 (quinze mil escudos é o equivalente a quinze contos). Mais uma vez é destacada a importância da conservação da caixilharia, pois o Engenheiro Pedro Nunes solicita que “se digne informar se no mesmo [plano de trabalhos] não será possível considerar a conservação e reforço das janelas daquela torre, ao nível da plataforma, correntemente atingidas pelos temporais” (SIPA TXT.01440795). Em resposta, datada de 18 de julho do mesmo ano, o Diretor-Geral da DGEMN, Engenheiro José Pena da Silva, informa que “foram consideradas as que respeitam à conservação de todas as caixilharias, com especial atenção das janelas ao nível da plataforma” (SIPA TXT.01440798).

Durante o processo para aquisição de mobiliário e decoração do interior da Torre de Belém, destacamos uma importante afirmação manifestada pelo Director-Delegado da Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva (FRESS) em que sugere a substituição das janelas e portas: “aproveito o ensejo para sugerir a V.Ex^a a conveniência de se solicitarem, da Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, alguns arranjos de que carecem os interiores da Torre, por forma a restituir-lhes, quanto possível, o seu primitivo aspecto. (...) As janelas e respectivas portadas são relativamente modernas; conviria, a meu ver, substituí-las por outras, no estilo da Torre; o mesmo sucede com as portas que se torna também conveniente substituir. Em suma, era bom que um arquitecto especializado no restauro de monumentos desta época estudasse o caso à face de documentação adequada, para efeito de poder-se valorizar a decoração.” - Director-Delegado da FRESS, Dr. Guilherme Possolo, 8 de março de 1957 (SIPA TXT.01441858); o Presidente do Conselho de Administração-Geral do Porto de Lisboa, Salvador de Sá Nogueira, envia carta a 3 de maio de 1957 ao Director-Geral da Fazenda Pública para dar conhecimento desta carta de março e que “o mobiliário artístico adquirido (...) se encontra em condições de ser entregue, pois estão concluídas as beneficiações para assegurar a sua conservação” (SIPA TXT.01441858).

Após 1957 e até ao fim do século XX, não encontramos nos cadernos de encargos das obras na Torre de Belém qualquer referência à substituição ou construção de janelas ou portas, até ao momento. Pelo contrário, nos cadernos de encargos consultados no SIPA, há vários registos de reparações das caixilharias existentes.

Contudo, já no século XXI, entre outubro e dezembro de 2005, a JJ Teixeira interveio na caixilharia da Torre de Belém, sobretudo no claustro, conforme podemos verificar nas imagens e documentação fornecidas por email pela Teixeira Duarte, S.A. Sobre as informações

fornecidas, foi solicitado pela empresa “confidencialidade nos documentos de propostas e contratação”. Assim sendo, apenas podemos divulgar a seguinte informação: “o valor total da empreitada é de 31.674,09€ (Trinta e Um Mil Seiscentos e Setenta e Quatro Euros e Noventa Cêntimos). Estão incluídas as ferragens e acessórios, de acordo com os desenhos fornecidos E001 a E005. Não estão incluídos vidros ou pinturas. A empreitada terá início no próximo dia 26 de Setembro e tem um prazo de 45 dias”⁶³.

A informação disponível no sítio online do SIPA⁶⁴ encontra-se desatualizada, pois a última edição foi em 2002, não havendo registo na página do SIPA sobre a intervenção de 2005 na Torre de Belém, conforme já referido. Contudo, na cronologia do monumento, constam informações posteriores, como em 2007 ter sido “nomeado como uma das Sete Maravilhas de Portugal”, numa iniciativa para “envolver a população mundial numa campanha de divulgação do património construído pelo homem e com isso contribuir para a sua preservação”, de acordo com a organização das “7 Maravilhas de Portugal”⁶⁵, numa votação pública “que envolveu mais de 350 mil portugueses”. Além da Torre de Belém, também foram nomeadas como as sete maravilhas os seguintes monumentos: Mosteiro dos Jerónimos, Castelo de Guimarães, Castelo de Óbidos, Mosteiro da Batalha, Mosteiro de Alcobaça e Palácio da Pena.

Sobre a decoração do interior da Torre de Belém, notamos que o Presidente do Conselho da APL solicita ao Administrador Geral do Exército, acerca da instalação de canhões na Torre de Belém, que “sejam cedidas e colocadas no antigo Baluarte do Restelo algumas peças, também antigas, de qualquer outra procedência”, em abril de 1956. Este pedido sem critérios de veracidade histórica, realça que a APL considera urgente a decoração do interior da Torre de Belém e o seu aproveitamento enquanto espaço museológico, através da proposta para a constituição do Museu do Porto de Lisboa.

Em agosto de 1956, o Diretor dos Serviços dos Monumentos Nacionais, Arquitecto Luís Benavente, “concorda que a Torre de Belém deixe de apresentar o seu aspecto de interior vazio como actualmente se encontra, porem entende que sobre o assunto deve ser ouvida e lhe seja presente o programa, as peças de mobiliário com que pretende efectuar-se o referido arranjo, considerando-se apta a participar no mesmo” (SIPA TXT.01441841). Destacamos que em 2022, ou seja, mais de seis décadas depois, a Torre encontra-se novamente despojada do seu

⁶³ Email da Teixeira Duarte S.A. recebido a 10/12/2021

⁶⁴ SIPA da Torre de Belém: http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/sipa.aspx?id=4065 (consultado em 18/01/2022)

⁶⁵ 7 Maravilhas de Portugal: <https://projetos.7maravilhas.pt/portfolio-items/7-maravilhas-de-portugal/> (consultado em 16/01/2022)

recheio. Por outro lado, o património arquitetónico é assim mais respeitado, tanto ao nível histórico como estético, pois não simula ou inventa cenários, como acontece em vários palácios nacionais que adotam outras estratégias de restauro.

Esta decoração do interior da Torre de Belém teve uma voz discordante, nomeadamente com João Couto, diretor do Museu Nacional de Arte Antiga (MNAA), que escreveu em setembro de 1957 que “os móveis dispõem-se de forma fantasiosa, quer junto das paredes, quer no meio dos compartimentos. Ainda mesmo que se admitisse que os resultados fossem agradáveis à vista, parecem-me ousados em demasia os projectos que se apresentam e com os quais, dificilmente podemos estar de acordo. Estou convencido de que será difícil obter para o plano proposto um acordo máximo entre os que admiram e estimam a Torre e não me parece que nos seja dado impôr soluções que não se fundamentam em provas indiscutíveis. Por isso é meu parecer que deveríamos antes caminhar no sentido de que praticar um plano muito sóbrio e discreto, pois se trata de um monumento à volta do qual não convem levantar discussões ou diminuir a sua grandeza histórica” (SIPA TXT.01441860).

Contudo, mais tarde, João Couto, diretor do MNAA entre 1938 e 1962, afirma que “em princípio fui sempre contrário a que se mobilasse a Torre de Belem, por me parecer que, fosse qual fosse o critério a seguir, iríamos cair numa fantasia que seria difícil justificar. Quando me disseram que o desejo das entidades interessadas no assunto era colocar alguns móveis da época (?) que não prejudicassem o monumento, pareceu-me que não havia inconveniente de aceitar a sugestão. E por isso, de bom grado, fui ver os móveis adquiridos e que me pareceram adequados ao fim em vista. (...) Vejo agora pelos desenhos apresentados que a ideia ultrapassa em muito o meu pensamento e que se pretende reconstruir, de forma bastante pormenorizada, o mobiliário que talvez tivesse existido em cada andar da Torre. A pormenorização é acentuada, pois se vêem móveis de grande variedade e sobre eles todas as espécies de peças decorativas e utilitárias tais como imagens, tinteiros, ampulhetas, livros, castiçais, louças e estanhos, etc, etc..” (SIPA TXT.01441861).

Na memória descritiva da obra de 1957, informam que nas obras de conservação e restauro “se prevêm alguns trabalhos de carpintaria e de pintura” (SIPA TXT.00425224), enquanto que no orçamento é descrito o trabalho a executar nas caixilharias, nomeadamente “raspar superfície de madeira pintada a esmalte e pintar de novo a tinta baça” (SIPA TXT.00425223), numa área total de 83,46 m²; “revestimento com madeira pintada com óleo de linhaça acabada com arrincoado, disfarçando a porta, incluindo ferragens e remoção da porta

e aro existente”; (...) “ensaio para a colocação de vidros (chapa belga) inteiros de 6m/m. de espessura, em janelas, incluindo a remoção do vitral existente, encaixotamento e transporte”; e “substituição dos taipais existentes por taipais arrincoados e pintura” (SIPA TXT.00425220). Relativamente ao vitral, não encontramos na bibliografia qualquer referência à existência de um vitral na Torre de Belém, sendo necessário aprofundar no futuro a investigação sobre este elemento. Em dezembro de 1957, foi “adjudicado com dispensa de concurso público e de contrato escrito, (...) por se tratar de um trabalho urgente” (SIPA TXT.00425228) à empresa que apresentou orçamento mais baixo, no valor de 27.400 escudos, e com o compromisso de terminar as obras até 31 de dezembro.



Figura 10: Torre de Belém com caixilharia e mobiliário. Fonte: [RTP Arquivos](#), Série “As Pedras e o Homem”, Produtor: João Martins (1974)

2.1.3. Participação no Colóquio “D. Manuel I – Cartografia de um Reinado”

Ainda sobre a investigação, destaco a participação no Colóquio “D. Manuel I - Cartografia de um Reinado”, organizado pelo “Grupo Amigos de Lisboa” em novembro, com dois dias de apresentações sobre o reinado e o legado de D. Manuel I. Temas como a arte, o urbanismo, a esfera armilar, a corte ou o restauro oitocentista do Mosteiro dos Jerónimos, entre outros, foram discutidos entre conferencistas e participantes, em mais uma excelente iniciativa para evocar o quinto centenário da morte do venturoso D. Manuel I.



Figura 11: Abertura do Colóquio em Lisboa. Fotografia: Giovanni Giorgetti (2021)

De entre as várias apresentações, destaco a da Professora Doutora Clara Moura Soares que afirma “a arquitetura como organismo vivo” e que “o Mosteiro dos Jerónimos tem uma complexidade que importa respeitar ao longo dos diversos períodos”. No mosteiro, a extinção das ordens religiosas masculinas (1834) já era um processo a decorrer em 1833, em que a Casa Pia de Lisboa ficou com a gestão do monumento para albergar cerca de 1.000 crianças e jovens, atribuindo assim novas funções ao mosteiro e com diversas intervenções higienistas. Moura Soares destacou também António Maria Couceiro, político e 1º administrador da Casa Pia de Lisboa, que denunciou publicamente o estado de degradação dos monumentos e continua a ser uma figura importante por conhecer.



CERTIFICADO

Certifica que Giovanni Ribeiro Giorgetti esteve presente no colóquio D. Manuel I – Cartografia de um Reinado, realizado no Fórum Lisboa, nos dias 11 e 12 de novembro de 2021

Pela Comissão Organizadora

Paulo Batista

Paulo Batista
CIDHUS-UE

Figura 12: Certificado de participação no Colóquio (2021)

2.2. Gestão

2.2.1. Reabertura da Torre de Belém

Para verificação das condições de abertura ao público, registo fotográfico⁶⁶ do pós-obras e preparação da reabertura, visitei a Torre no dia 28 de outubro de 2021. Na semana seguinte, a 3 de novembro, realizámos nova visita técnica com a diretora e com a tutora para medições, acompanhamento das obras de conservação e valorização patrimonial e teste da fita a colocar junto aos respiradouros para proteção dos visitantes e do monumento⁶⁷.

No dia da reabertura da Torre de Belém, a 23 de novembro de 2021, realizei a cobertura fotográfica⁶⁸ e analisei os fluxos e tempo de espera dos visitantes, tendo os seguintes resultados médios no período das 10h00 às 12h30: tempo de espera = 15 minutos; tempo de visita = 35 minutos; fila = 30 a 40 pessoas a cada 15 minutos. A visita inclui a nave do baluarte e o acesso aos vários pisos da torre, à exceção do topo. Para uma maior segurança dos visitantes, não é permitida a fila de espera na ponte de madeira e a bilheteira já não se encontra no interior do monumento, situando-se no posto do Turismo de Lisboa, de forma temporária, no jardim da Torre de Belém.



Figura 13: Atual bilheteira da Torre de Belém. Fotografia: Giovanni Giorgetti (2021)

⁶⁶ Torre de Belém – 28 out. 2021: <https://photos.app.goo.gl/ffQyEzfmSkrM2kr8>

⁶⁷ Torre de Belém – 3 nov. 2021: <https://photos.app.goo.gl/C63Y8WKAowhfVnx57>

⁶⁸ Torre de Belém – 23 nov. 2021: <https://photos.app.goo.gl/dGjBcmiNx9okMkhF9>

2.2.2. Visitas virtuais ao património cultural

A DGPC tem desenvolvido vários projetos de divulgação do património cultural no meio digital, em que destacamos a colaboração com a Google estabelecida em 2019. Através do projeto “Portugal: Arte e Património”⁶⁹, estão disponíveis no sítio “Google Arts & Culture” visitas virtuais a museus, palácios e monumentos nacionais, assim como o acesso a exposições online, num total de 22 entidades.

Neste sentido, realizei uma análise crítica da visita virtual à Torre de Belém⁷⁰, em que são notórias as diferenças entre as atuais condições de visita e as que estão registadas nesta visita virtual, nomeadamente: entrada repleta de baias, sacos pretos para resíduos e extintores; multibanco fora de serviço; cartaz na entrada a alertar para o perigo dos carteiristas; a casamata com as portadas fechadas e pouca iluminação; a loja com o balcão parcialmente coberto por papel amarrutado; apenas alguns respiradouros estão protegidos com baias; a passagem para a torre é controlada por torniquetes; diferentes equipamentos para deposição de resíduos; e a capela está descaracterizada com televisão e bancos. Assim, considero que é urgente a organização de um novo registo da visita virtual, em articulação com a Google.

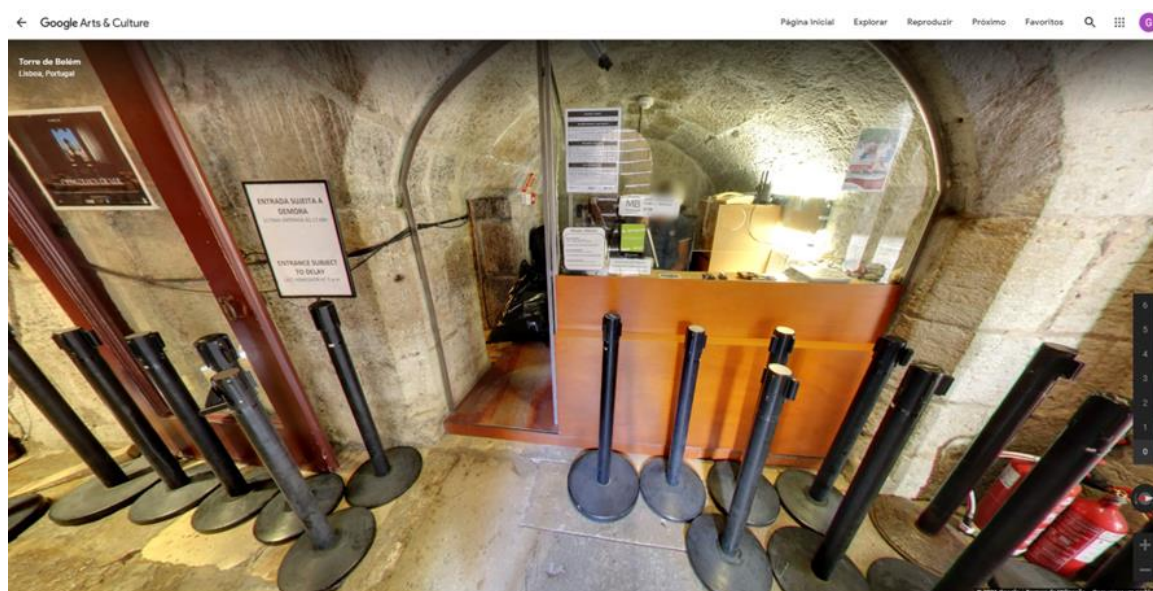


Figura 14: Entrada da Torre de Belém na visita virtual. Fonte: [Google Arts & Culture](https://artsandculture.google.com/partner/tower-of-bel%C3%A9m)

⁶⁹ “Portugal: Arte e Património” – Google Arts & Culture: <https://artsandculture.google.com/project/portugal-art-and-heritage> (consultado em 15/06/2022)

⁷⁰ Visita virtual da Torre de Belém: <https://artsandculture.google.com/partner/tower-of-bel%C3%A9m> (consultado em 15/06/2022)

Relativamente ao Mosteiro dos Jerónimos, considero que a visita virtual está melhor organizada, tendo como principais diferenças já não existir a exposição na Sala do Capítulo e as imagens de Alexandre Herculano à entrada; o circuito de visita estar ao contrário, com acesso primeiro ao claustro inferior e posterior subida pela escadaria do coro alto para aceder ao claustro superior; como principal ponto negativo da visita virtual apresentada destaco as cordas das baias que se encontram no chão à frente da capela-mor da igreja. Noto ainda que vários espaços, como o claustro superior e a antiga livraria, entre outros, não estão disponíveis na visita virtual. Importa ainda referir que a igreja do Mosteiro dos Jerónimos é concordatada, ou seja, há uma gestão partilhada entre o Estado, representado pela Professora Doutora Dalila Rodrigues, e a Igreja Católica, representada pelo Senhor Cónego José Manuel Ferreira, da Paróquia de Santa Maria de Belém.

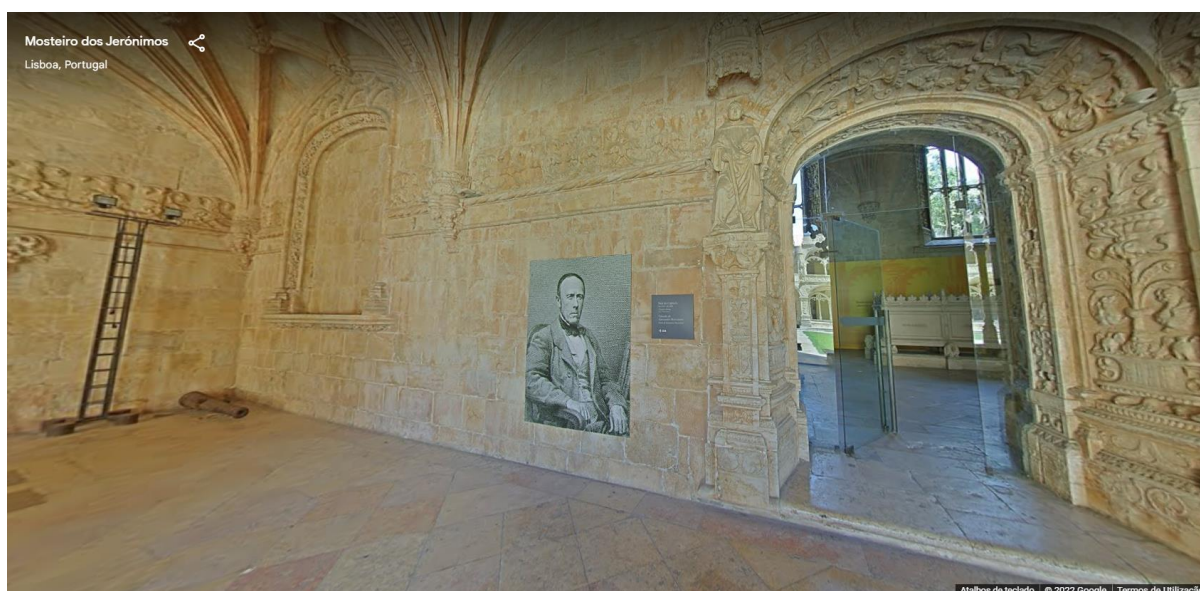


Figura 15: Entrada na Sala do Capítulo do Mosteiro. Fonte: [Google Arts & Culture](#)

2.2.3. Análise crítica da comunicação e das avaliações dos visitantes do Mosteiro dos Jerónimos e Torre de Belém

Uma das lacunas detetadas na comunicação do Mosteiro dos Jerónimos e Torre de Belém é não existir um sítio próprio que possibilite criar um acervo digital das publicações científicas sobre estes monumentos ou que divulgue, de forma atualizada, os horários de funcionamento que têm sido condicionados devido à pandemia, como o encerramento temporário da Torre de Belém ou ainda alterações ao circuito de visita. Como a informação

oficial sobre os monumentos apenas está no sítio geral da DGPC, a atualização da informação é realizada pelos serviços da DGPC e não diretamente pelos serviços dos monumentos.

No dia da reabertura da torre, a 23 de novembro de 2021, destaco que não foi publicada qualquer notícia na comunicação social nacional. Assim, no âmbito da comunicação, considero que é fundamental a produção e partilha mais regular de conteúdos nas redes sociais, como o Facebook, Instagram e TikTok; a monitorização das avaliações e fotografias partilhadas por visitantes no Google Maps e Tripadvisor, entre outras plataformas; e registo audiovisual das atividades desenvolvidas nos dois monumentos, como visitas guiadas.

As publicações diárias nas redes sociais com conteúdos científicos funcionam também como mediação cultural com o público. No Facebook, cada monumento tem a sua página mas, tendo em conta a gestão conjunta, considero que a unificação das páginas seria benéfica para uma comunicação e promoção mais eficaz. Assim, haver uma página “Mosteiro dos Jerónimos | Torre de Belém” nas redes sociais mais utilizadas pelos portugueses e pelos turistas permitia uma interação mais direta com o público em geral.

No Instagram, o *hashtag* (etiqueta digital) #TorreDeBelem tem 196.000 publicações, ou seja, mais do triplo face ao *hashtag* #MosteiroDosJeronimos, que conta com 61.700, conforme podemos ver na figura 16. As fotografias em destaque da Torre de Belém são sobretudo do exterior, enquanto no Mosteiro dos Jerónimos são do claustro. A parceria com influenciadores digitais, como figuras públicas nacionais e internacionais que sejam fotografadas nos monumentos, é uma estratégia importante de marketing digital e que permite alcançar diferentes públicos, com destaque para os jovens.

Com a produção de conteúdos como fotografias e vídeos, mas também através da partilha dos conteúdos publicados pelos visitantes nas redes sociais, os monumentos podiam ser mais divulgados a nível internacional, alcançando assim ainda um maior reconhecimento. A estratégia de comunicação dos monumentos deve incentivar que os visitantes escrevam comentários nas plataformas digitais, avaliem as visitas e que utilizem os *hashtags* nas redes sociais.

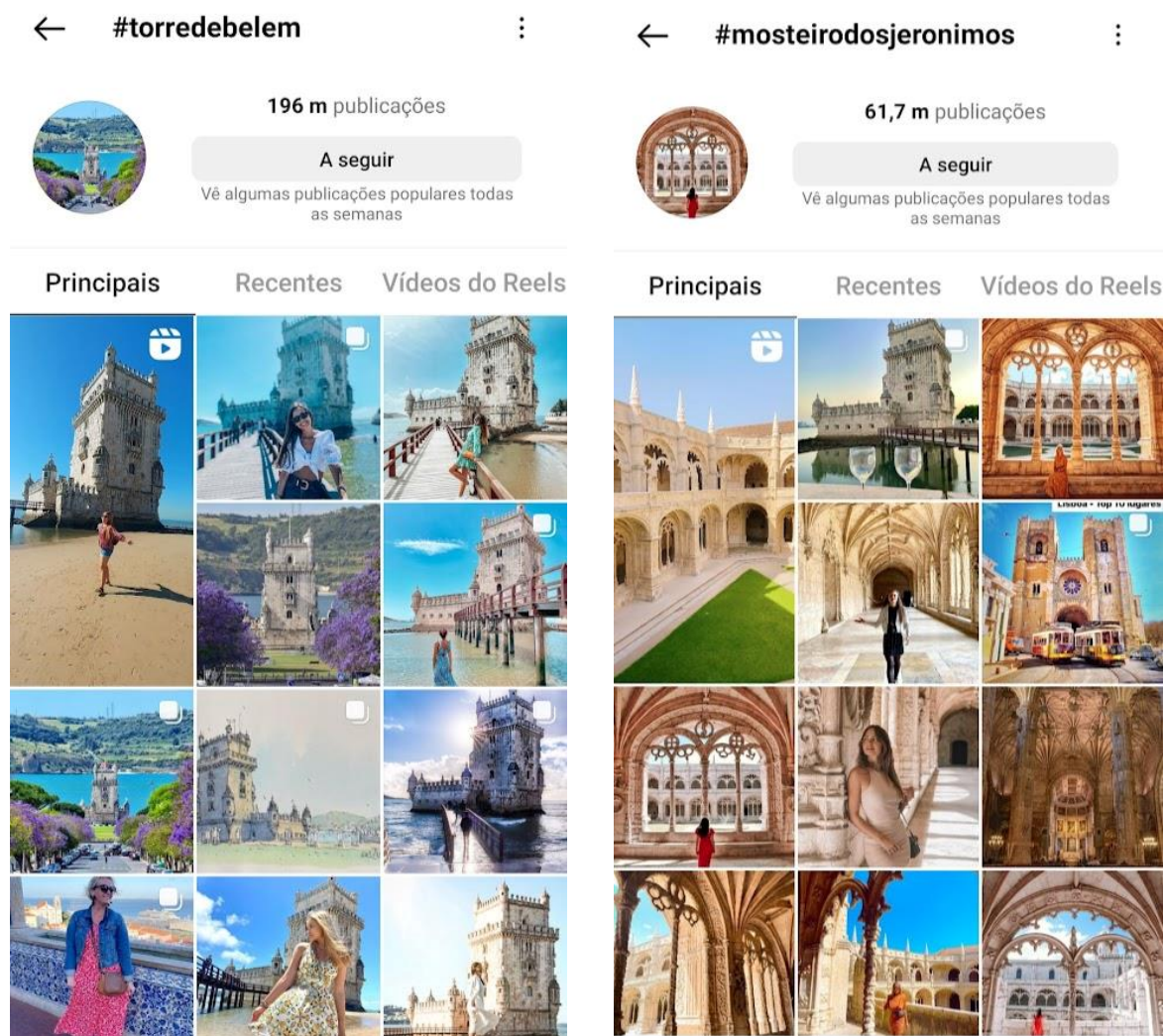


Figura 16: Hashtags dos monumentos. Fonte: [Instagram](#)

Esta monitorização das imagens publicadas permite também à direção dos monumentos detetar situações que podem prejudicar a representação dos monumentos junto do público, denunciando estas imagens. Como exemplo, apresento uma fotografia manipulada, produzida pelo utilizador @gabrielgenchev_, e que foi partilhada pela página oficial do Turismo de Lisboa em fevereiro de 2022. Apesar de vários utilizadores terem escrito comentários nesta publicação a alertar que a fotografia é falsa, o Turismo de Lisboa não eliminou a imagem da sua página. Por outro lado, destaco um vídeo publicado no Instagram por uma influenciadora digital italiana e este vídeo tem mais de 14.000 gostos. O vídeo podia ter sido partilhado pela DGPC, promovendo assim uma maior divulgação da Torre, mas também da própria instituição DGPC a nível internacional.

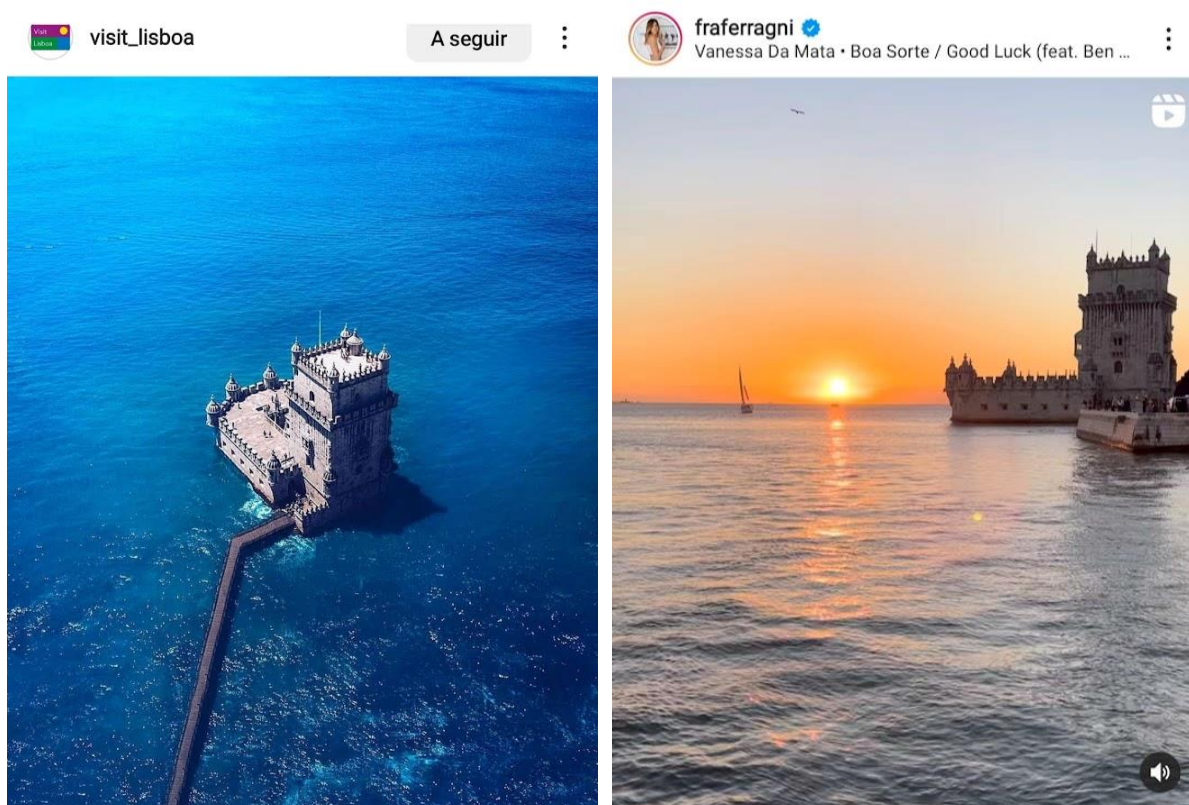


Figura 17: Imagens da Torre de Belém no Instagram. Fonte: [@visit_lisboa](#) e [@fraferragni](#)

Quanto às avaliações e comentários dos visitantes, vou analisar a performance dos dois monumentos nacionais no Google Maps e no Tripadvisor, por serem das plataformas mais utilizadas pelos turistas a nível internacional. Em 2022, o Tripadvisor alcançou a marca de mil milhões de avaliações, sendo que o restaurante com mais comentários a nível mundial nesta plataforma é “Pastéis de Belém”, junto ao Mosteiro dos Jerónimos, com 52.600 avaliações⁷¹. As pontuações e comentários publicados nas plataformas devem ser monitorizados e respondidos pelas entidades gestoras, demonstrando assim a importância de receber estas avaliações com o objetivo de trabalhar para a melhoria contínua da gestão dos monumentos.

No Tripadvisor⁷², o Mosteiro dos Jerónimos tem uma pontuação média de 4,5 valores numa escala de 0 a 5, num total de 31.081 avaliações, sendo que a maioria (19.302 visitantes) atribui 5 valores. Além dos comentários positivos, é também necessário monitorizar os

⁷¹ Dados disponíveis no sítio Tripadvisor: <https://tripadvisor.mediaroom.com/2022-02-01-Travelers-Push-Tripadvisor-Past-1-Billion-Reviews-Opinions> (consultado em 25/05/2022)

⁷² Mosteiro dos Jerónimos no Tripadvisor: https://www.tripadvisor.pt/Attraction_Review-g189158-d195318-Reviews-Mosteiro_dos_Jeronimos-Lisbon_Lisbon_District_Central_Portugal.html (consultado em 28/08/2022)

comentários negativos e corrigir as situações identificadas pelos visitantes. No Google Maps⁷³, o Mosteiro tem uma pontuação média de 4,6 valores com 38.742 comentários, ou seja, há mais avaliações no Google Maps do que no Tripadvisor. Nesta plataforma, após cada comentário, é apresentada a seguinte mensagem: “Esta avaliação é a opinião subjetiva de um membro do Tripadvisor e não da Tripadvisor LLC. O Tripadvisor verifica as avaliações”⁷⁴. Deste modo, a plataforma clarifica que os comentários são subjetivos, pois são escritos pelos visitantes, mas assume a responsabilidade de verificar os comentários antes de serem publicados e assim garante que não publicam linguagem ofensiva, fraudes e/ou *spam*.

Quanto à Torre de Belém, tem uma pontuação média de 4 valores no Tripadvisor⁷⁵ em 37.364 avaliações, ou seja, tem mais avaliações que o Mosteiro, mas com uma pontuação mais baixa. No Google Maps, a Torre tem a mesma pontuação que o Mosteiro, 4,6 valores, e conta com 65.250 comentários. No Google Maps, é apresentada a seguinte mensagem: “As críticas não são validadas pela Google, mas esta verifica a existência de conteúdo falso e remove-o quando é identificado”⁷⁶. Assim, ao contrário do Tripadvisor, os comentários são logo publicados e apenas são removidos se forem denunciados pelos utilizadores do Google. Sobre as críticas apresentadas pelos visitantes, é recorrente a queixa sobre as longas filas para entrar e também sobre a falta de informação apresentada no interior dos monumentos.

Mosteiro dos Jerónimos - Lisboa

●●●●○ 31 081 • N.º 3 de 752 atividades em Lisboa • Locais históricos • Edifícios arquiteturais • Locais religiosos

Torre de Belém - Lisboa

●●●●○ 37 364 • N.º 7 de 752 atividades em Lisboa • Pontos de interesse e marcos de referência

Figura 18: Avaliações dos monumentos no Tripadvisor (2022)

⁷³ Mosteiro dos Jerónimos no Google Maps: <https://goo.gl/maps/bCFR3BrANEP3WvFfA> (consultado em 28/08/2022)

⁷⁴ Política de Integridade de Conteúdos: <https://tripadvisor.mediaroom.com/PT-content-integrity-policy> (consultado em 28/08/2022)

⁷⁵ Torre de Belém no Tripadvisor: https://www.tripadvisor.pt/Attraction_Review-g189158-d524074-Reviews-Torre_de_Belem-Lisbon_Lisbon_District_Central_Portugal.html (consultado em 28/08/2022)

⁷⁶ Política de Conteúdos do Google Maps: https://support.google.com/contributionpolicy/answer/7422880?hl=pt&ref_topic=7422769 (consultado em 28/08/2022)



Mosteiro dos Jerónimos

4,6 ★★★★★ 38 742 críticas ⓘ
Mosteiro



Torre de Belém

4,6 ★★★★★ 65 250 críticas ⓘ
Monumento

Figura 19: Avaliações dos monumentos no Google Maps (2022)

2.2.4. Pandemia COVID-19

A pandemia por COVID-19 obrigou os museus e monumentos a encerrarem a 13 de março de 2020 e reabriram a 18 de maio, no Dia Internacional dos Museus 2020, com várias medidas de segurança e higiene, como o uso obrigatório de máscara, álcool gel para desinfecção das mãos, distanciamento social dos visitantes e reforço da limpeza dos espaços. Nesta data, o Presidente da República, Professor Doutor Marcelo Rebelo de Sousa, visitou a Torre de Belém e “convidou os portugueses a visitarem e redescobrirem o riquíssimo património cultural de Portugal”⁷⁷, demonstrando assim a importância deste monumento para a cultura portuguesa.

Para a reabertura a nível nacional dos museus e monumentos tutelados pela DGPC, foi publicado um manual de boas práticas: o Plano Sanitário para a Prevenção de Riscos. Apesar de ser um documento direcionado sobretudo para os funcionários dos museus e monumentos, destaco o ponto 13.2. com as condições de acolhimento de visitantes em que é definido ser necessário “garantir que cada visitante dispõe de uma área mínima de 20m² e distância mínima de 2 metros lineares para qualquer outra pessoa que não seja sua convivente”⁷⁸. Esta limitação do número de visitantes em simultâneo, além da diminuição do número de turistas em Portugal,

⁷⁷ Comunicado de imprensa da Presidência da República: <https://www.presidencia.pt/atualidade/toda-a-atualidade/2020/05/presidente-da-republica-visitou-a-torre-de-belem-no-dia-da-sua-reabertura-ao-publico/> (consultado em 12/05/2022)

⁷⁸ Plano Sanitário para a Prevenção de Riscos, p. 14; disponível on-line em: <https://culturaportugal.gov.pt/pt/saber/2020/05/plano-sanitario-para-a-prevencao-de-riscos-dgpc/> (consultado em 14/05/2022)

resultou numa redução significativa de ingressos vendidos para os museus e monumentos em 2020 e 2021.



Figura 20: Visita à Torre de Belém. Fotografia: Rui Ochoa/Presidência da República (2020)

Considero que este é o momento ideal para estudar e definir a capacidade de carga dos museus e monumentos, de forma objetiva, promovendo também o conforto dos visitantes, a conservação do património e a fluidez nos circuitos de visita. A Torre de Belém, ao reabrir em maio de 2020, limitou a entrada a apenas 10 visitantes em simultâneo na torre. Como “tem uma característica arquitetónica que condiciona muitíssimo a capacidade de admissão”⁷⁹, de acordo com a diretora, foram também reduzidos o circuito de visita e o custo do bilhete em 50%. Esta necessidade de limitar os visitantes na torre já é notória desde 2017. A então diretora da DGPC, arquiteta Paula Silva, condicionou em 2017 “o número de entradas diárias nos meses de maior fluxo turístico”⁸⁰ na cidade de Lisboa, além de ter sido retirado o ingresso da Torre nos bilhetes conjuntos “Circuito Descobertas” e “Praça do Império” que existiam nesse ano.

⁷⁹ Reportagem da Renascença sobre a reabertura dos monumentos e museus:

<https://rr.sapo.pt/noticia/vida/2020/05/16/torre-de-belem-so-com-10-visitantes-de-cada-vez-conheca-as-novas-regras-nos-museus-e-monumentos/193118/> (consultado em 12/05/2022)

⁸⁰ Entrevista sobre a gestão da DGPC: <https://www.dn.pt/artes/vamos-limitar-as-entradas-na-torre-de-belem-no-verao-6222362.html> (consultado em 12/05/2022)

Assim, segundo os dados da DGPC⁸¹, estas medidas resultaram numa redução de 16% do número de visitantes da torre em comparação com os 685.694 em 2016. Atualmente, o ingresso normal custa 6€ e também está incluído no Lisboa Card⁸² que tem o custo de 21€ para o acesso a museus, monumentos e outros locais de interesse da região de Lisboa durante 24 horas. A Torre de Belém teve 128.785 visitantes em 2020 e 16.442 em 2021, valores muito distantes da média de 500.000 visitantes pré-pandemia. “Ainda segundo os dados enviados pela DGPC à agência Lusa, o equipamento cultural mais visitado do conjunto dos museus e monumentos nacionais, continua a ser o Mosteiro dos Jerónimos, em Lisboa, com 271.612 (face aos 234.007 em 2020, numa subida de 16,1%)”⁸³. O ingresso normal no mosteiro custa 10€ e também está incluído no Lisboa Card. Segundo o Tripadvisor⁸⁴, o ingresso no Mosteiro dos Jerónimos custa 21€ por pessoa, ou seja, é uma informação errada. O Mosteiro é a 3ª atração mais procurada em Lisboa, apenas superado pelo Oceanário de Lisboa e pelo bairro de Alfama, e o Tripadvisor sugere uma duração da visita de 2 a 3 horas, tal como para a Torre.

Sobre os encerramentos temporários, a Torre de Belém voltou a encerrar devido aos estragos provocados pela depressão Bárbara, em outubro de 2020. A agitação marítima, vento e chuva fortes provocaram “danos nos sistemas elétrico, de segurança e de bilhética”⁸⁵. Estas intervenções foram atrasadas devido à pandemia e a Torre apenas reabriu em novembro de 2021. Além da reparação do sistema elétrico e retirada dos torniquetes de acesso às salas superiores, a DGPC pintou as abóbadas com uma tinta específica para ambientes salinos, realocizou a bilheteira e melhorou as condições de segurança também com o apoio mecenático da empresa de seguros Fidelidade, nomeadamente através da substituição das plantas de emergência e colocação de baias e fitas, entre outras medidas.

⁸¹ Torre de Belém em destaque na imprensa nacional com a perda de visitantes em 2017:

<https://www.dn.pt/artes/torre-de-belem-perdeu-109-mil-visitantes-9042887.html> (consultado em 12/05/2022)

⁸² Lisboa Card disponível em: <https://shop.visitlisboa.com/pt/products/lisboa-card> (consultado em 12/05/2022)

⁸³ Divulgação dos números de visitantes em 2021 com a Torre de Belém como fotografia em destaque:

<https://sicnoticias.pt/cultura/2022-02-04-estes-foram-os-museus-palacios-e-monumentos-mais-visitados-em-2021> (consultado em 12/05/2022)

⁸⁴ Tripadvisor é um sítio de viagens norte-americano: <https://www.tripadvisor.pt/Attractions-g189158-Activities-Lisbon-Lisbon-District-Central-Portugal.html> (consultado em 12/05/2022)

⁸⁵ Encerramento noticiado na TVI: <https://tvi.iol.pt/noticias/sociedade/depressao-barbara/mau-tempo-torre-de-belem-encerrada-por-razoes-de-seguranca> (consultado em 12/05/2022)



Figura 21: Intervenções da DGPC na Torre de Belém. Fotografia: Giovanni Giorgetti (2021)

Também em outubro de 2020, com o objetivo de promover o regresso dos visitantes e espectadores aos espaços culturais, a Associação de Promotores de Espetáculos, Festivais e Eventos (APEFE) lançou a campanha #ACULTURAÉSEGURA⁸⁶. “A cultura é segura” foi o mote para muitas figuras públicas afirmarem que os museus, monumentos, teatros, salas de cinemas, entre outros equipamentos culturais, eram espaços seguros e sem vírus para o público usufruir da cultura. Por serem geralmente espaços fechados, poderia haver o receio por parte do público em frequentar locais com maior risco de transmissão do SARS-CoV-2, mas estes equipamentos culturais tomaram medidas eficazes para minimizar e prevenir a transmissão do vírus, como circuitos separados de entrada e saída e arejamento dos espaços, quando tal era possível.

Ainda no verão de 2020, o Turismo de Portugal, o Ministério da Cultura e a DGPC organizaram sessões de formação para os funcionários de equipamentos culturais sobre as medidas de higiene e segurança, no âmbito da pandemia por COVID-19, e atribuiu 160 selos “Clean & Safe – Património Cultural”⁸⁷ aos museus, palácios, monumentos e sítios

⁸⁶ Divulgação da campanha na imprensa: <https://mag.sapo.pt/showbiz/artigos/a-cultura-e-segura-confie-e-seguro-ir-a-espetaculos-artistas-e-promotores-unidos-em-nova-campanha> (consultado em 05/06/2022)

⁸⁷ O Mosteiro dos Jerónimos e a Torre de Belém foram reconhecidos com o selo e constam da lista de aderentes em: <https://portugalcleanandsafe.pt/pt-pt> (consultado em 05/06/2022)

arqueológicos que implementaram os procedimentos e recomendações da Direção-Geral da Saúde. Entre 2020 e 2022, foram atribuídos mais de 22.000 selos a entidades em Portugal.

2.2.5. Plano de Recuperação e Resiliência (PRR)

O PRR faz parte da “Estratégia Portugal 2030”, enquadrada no “Mecanismo de Recuperação e Resiliência”, da União Europeia (UE). A UE pretende alcançar a recuperação económica dos seus estados-membros, recolocando a Europa na vanguarda da sustentabilidade e da inovação tecnológica, para um futuro mais resiliente para os cidadãos europeus, através de financiamento participado por fundos europeus.

O Mosteiro dos Jerónimos e a Torre de Belém estão inscritos na lista de Património Mundial da UNESCO desde 1983. Neste sentido, consulte a regulamentação UNESCO sobre os monumentos e constatei que as intervenções de conservação e restauro devem ser reportadas à UNESCO. Assim, recomendo que as obras previstas no PRR sejam reportadas à Comissão Nacional da UNESCO em Portugal, organismo integrado no Ministério dos Negócios Estrangeiros.

No âmbito do PRR, estão previstas várias intervenções na Torre de Belém com um período de execução até 2026, como a construção de um edifício no jardim da Torre de Belém, agora designado Jardim António Viana Barreto, integrado na paisagem projetada pelo arquiteto paisagista António Viana Barreto, para bilheteira e loja da Torre de Belém.

De acordo com a proposta apresentada pela direção da Torre de Belém, o anexo à Torre de Belém será construído no local do atual posto de turismo e inclui espaços de acolhimento ao público, como posto de informação, bilheteira, bengaleiro e loja, assim como espaços reservados aos funcionários, tal como vestiário, refeitório, espaço de controlo dos sistemas de videovigilância instalados na Torre e instalações sanitárias.

Considero que, através do financiamento do PRR, seria também fundamental intervir no Mosteiro dos Jerónimos e reformular o desenho urbano e paisagístico da envolvente, retirando a estrada asfaltada e os respetivos automóveis que continuam a poder estacionar à frente de um monumento nacional em determinadas ocasiões (figura 21). As obras realizadas

no mosteiro nos últimos anos têm sido financiadas sobretudo por apoio mecenático⁸⁸, reunido pelo World Monuments Fund Portugal (WMF-P) e formado pela Brisa, Caixa Geral de Depósitos, Fundação Millennium bcp, Fundo Robert Wilson, Prozis e a REN.



Figura 22: Mosteiro dos Jerónimos. Fotografia: Giovanni Giorgetti (24/04/2022)

2.3. Programação

2.3.1. “Luz a D. Manuel”: evocação dos 500 anos da morte

A programação cultural em 2021, organizada no Mosteiro dos Jerónimos, marcou o panorama cultural nacional sobretudo com o evento de 13 de dezembro de 2021, na evocação do quinto centenário da morte do rei D. Manuel I (1521). Num evento intitulado “Luz a D. Manuel”, o sistema de iluminação instalado pela empresa Pixel Light evidenciou o interior e exterior do Mosteiro dos Jerónimos, com destaque para o túmulo do rei, a estátua de São Jerónimo, as colunas da igreja, o portal axial, o portal sul e o claustro do mosteiro, numa luz de cor ambarina que enfatizou a arquitetura e escultura. Todo o evento teve registo audiovisual e será apresentado o filme em 2022, numa produção dirigida por Ivan Dias.

⁸⁸ Obras de conservação em 2021-2022 divulgadas na imprensa nacional: <https://observador.pt/2021/05/05/nova-fase-de-conservacao-e-restauro-do-mosteiro-dos-jeronimos-com-verba-de-460-mil-euros/> (consultado em 07/07/2022)

A inauguração da exposição dos riscos incisos (c. 1517-1520) e da armadura dita do rei D. Manuel I, num empréstimo especial do *Musée de l'Armée* em Paris, acompanharam o concerto composto por três momentos musicais. A soprano Maria Cristina Kiehr e o alaudista Ariel Abramovich, o “Bando de Surunyo” e o “Nova Era Vocal Ensemble”, tendo este grupo atuado no coro alto, apresentaram um repertório musical dos séculos XVI e XVII.

Um dos momentos mais memoráveis de “Luz a D. Manuel” ocorreu durante a atuação do coro “Nova Era Vocal Ensemble”, em que as luzes do interior da igreja foram desligadas, à exceção dos focos de luz no túmulo de D. Manuel e na estátua de São Jerónimo numa capela do transepto. Ao mesmo tempo, numa quase total escuridão, começou a projeção do *videomapping* nos riscos incisos da parede norte da igreja. A programação de “Luz a D. Manuel” teve o apoio mecenático da Fundação Millenium bcp. Devido à pandemia por COVID-19, não foi possível ter a lotação completa no interior da igreja, mas estiveram presentes cerca de seiscentas pessoas, neste evento com entrada gratuita.

2.3.1.a. Exposição dos Riscos Incisos

Uma das primeiras tarefas desempenhadas no estágio, ainda em outubro, esteve relacionada com a preparação deste evento, em que realizei a cobertura fotográfica da visita técnica com o Professor Rafael Moreira, o diretor artístico do evento, maestro Massimo Mazzeo, e com a empresa CUBO. Nesta visita, pudemos observar, pela primeira vez, os riscos incisos no interior da igreja e que foram iluminados com uma luz rasante provisória. Aproveitei a oportunidade para fazer o levantamento fotográfico⁸⁹ dos riscos incisos e, posteriormente, as fotografias foram utilizadas para preparação do *videomapping*, num trabalho realizado pelo Professor Doutor José Pereira e com a colaboração do Professor José Luís Loureiro, da Escola Superior de Educação do Politécnico de Viseu.

Durante a visita (figura 22), foram analisadas as formas dos riscos incisos, com destaque para os balaústres, o meio arco, a flor de lis e a provável rosácea primitiva da igreja. Estes riscos incisos são os moldes utilizados na construção de estruturas arquitetónicas e motivos decorativos do Mosteiro dos Jerónimos, sendo por isso datados do século XVI, durante a empreitada de João de Castilho, de acordo com a investigação desenvolvida pelo Professor Rafael Moreira nos anos 80 do século XX e que foi divulgada no jornal Expresso em 1986

⁸⁹ Imagens disponíveis em: <https://photos.app.goo.gl/3BC3FT6uZSGbknKT6>

(figura 23). Assim, o *videomapping* destacou, pela primeira vez, os moldes da arquitetura manuelina, através de dois projetores que apresentam um vídeo de sete minutos, em que os riscos aparecem em sequência com uma linha branca desenhada, correspondendo aos próprios riscos incisos na parede (figura 24).



Figura 23: Visita técnica à Igreja do Mosteiro. Fotografia: Giovanni Giorgetti (2021)



Figura 24: Notícia digitalizada do Expresso sobre os riscos incisos (1986). Fonte: Arquivo do Mosteiro dos Jerónimos



Figura 25: Videomapping dos riscos incisos. Fotografia: Giovanni Giorgetti (2021)

Após a instalação do sistema de iluminação permanente dos riscos incisos, composto por uma fileira de luzes LED rasantes, monitorizei o fluxo de visitantes junto aos riscos e à folha de sala, com texto da autoria do Professor Doutor Rafael Moreira. Muitos visitantes não observam diretamente os riscos incisos, lendo apenas a folha de sala (figura 25). Assim, proponho que a placa de comunicação seja complementada com a imagem dos riscos incisos (figura 26), aproveitando a imagem com a linha branca que foi preparada para o *videomapping*, e assim proporcionar uma melhor leitura das incisões. Considero que o vídeo apresentado em “Luz a D. Manuel”, no dia 13 de dezembro de 2021, teria muito interesse para os visitantes do Mosteiro dos Jerónimos. Assim, recomendo que sejam adquiridos os equipamentos e integrado o *videomapping* no circuito de visita do monumento.

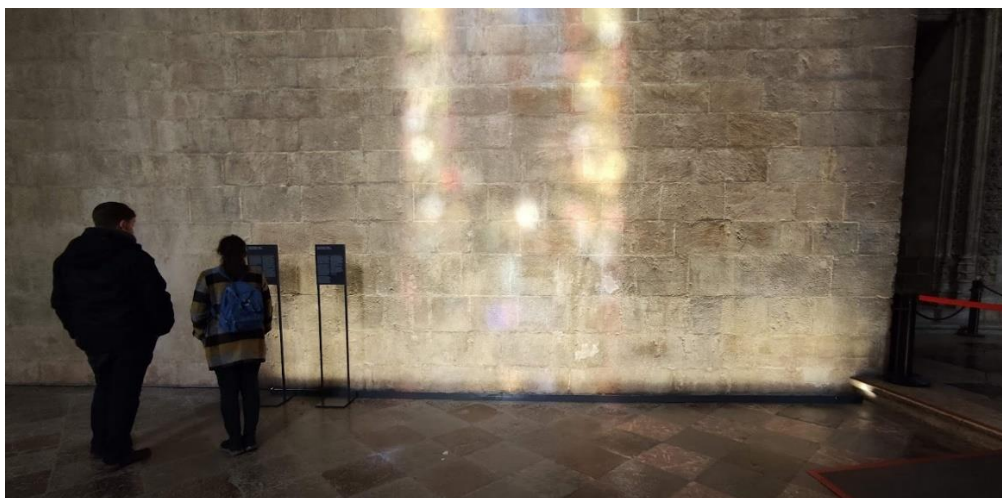


Figura 26: Riscos incisos na Igreja do Mosteiro. Fotografia: Giovanni Giorgetti (2022)

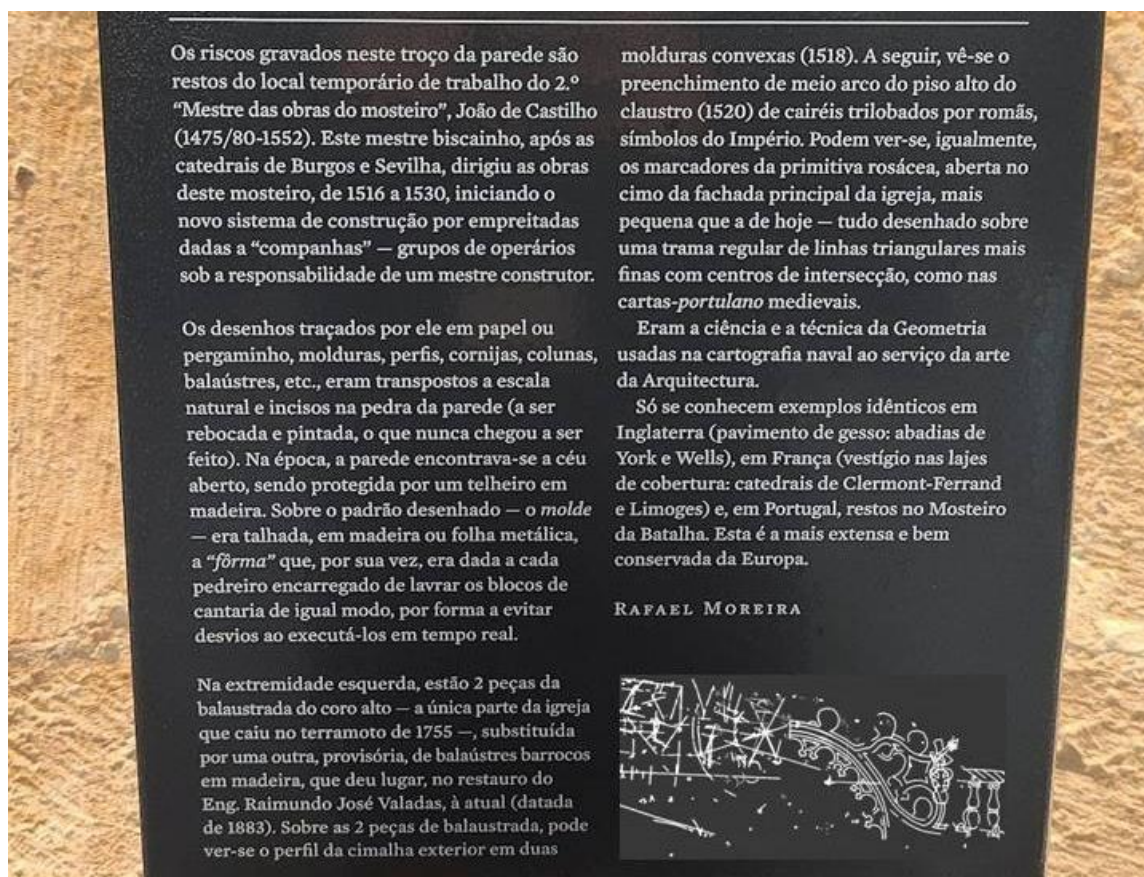


Figura 27: Folha de sala dos riscos incisos. Fotografia com edição: Giovanni Giorgetti (2021)

2.3.1.b. Logística do evento

Ainda no âmbito da “Luz a D. Manuel”, colaborei no envio dos convites, num total de seiscentos e oitenta e sete emails enviados a partir do e-mail institucional do mosteiro (geral@mjeronimos.dgpc.pt) e criei uma base de dados em Excel para registo dos contactos realizados. Para maior segurança dos visitantes e das novas exposições, nomeadamente da armadura e dos riscos incisos, montei e coloquei baias de proteção na sala do Capítulo e no interior da igreja, ao redor dos projetores, tendo ainda sido responsável pela desmontagem e acondicionamento dos equipamentos no dia 14 de dezembro.

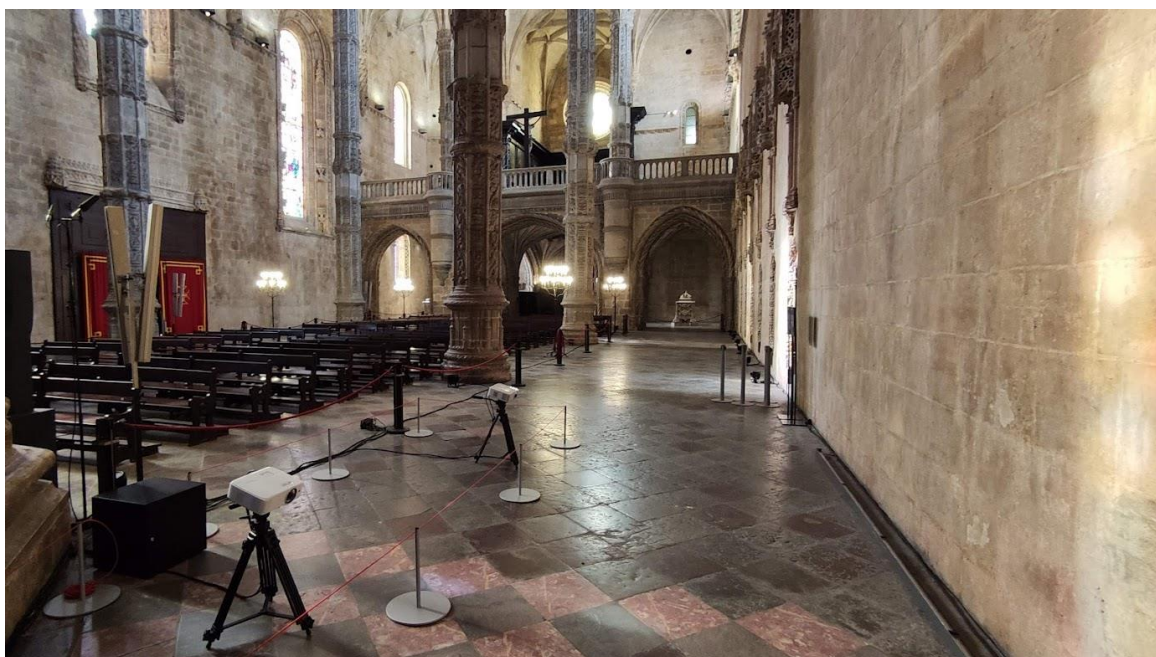


Figura 28: Equipamentos de videomapping. Fotografia: Giovanni Giorgetti (2021)

Na sala do Capítulo, tive a oportunidade única de participar e colaborar na chegada e montagem da armadura, tendo esta sido acompanhada pelo courier, ou seja, o especialista responsável pelo transporte e logística da transferência da armadura de França para Portugal. Antes da instalação da armadura na caixa de vidro, construída especificamente para esta exposição, observei de perto as três esferas armilares e toda a decoração da armadura. Para exposição da armadura, colaborei ainda na medição e registo dos níveis de humidade relativa e temperatura da sala durante várias semanas, assim como na preparação do *facility report* (formulário) para empréstimo da peça e na pesquisa sobre a terminologia a utilizar na descrição para a folha de sala da armadura.

As novas baias que dispus na sala do Capítulo foram adquiridas pela DGPC, tendo em conta princípios de design e integração no espaço de exposição. Os suportes com as folhas de sala eram pouco utilizados na igreja de Santa Maria de Belém e, por isso, foram pintados com a mesma cor da base da armadura e das baias, cinzento-escuro, e reaproveitados para a exposição da armadura na sala do Capítulo.

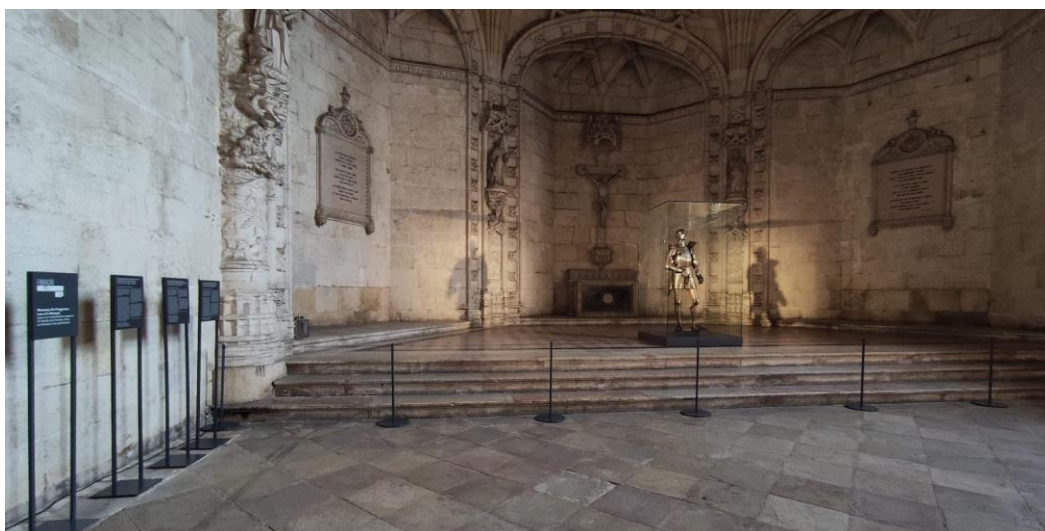


Figura 29: Sala do Capítulo do Mosteiro. Fotografia: Giovanni Giorgetti (2021)

Na logística do evento, colaborei também na elaboração de documento com um resumo das recomendações da Direção-Geral da Saúde para a organização de eventos culturais, na operacionalização, configuração e formação sobre a app digital “Passe Covid” aos vigilantes de sala do mosteiro. Com a app, foram validados os certificados digitais COVID dos espectadores à entrada, de acordo com as normas sanitárias; e ainda colaborei na edição de uma tabela quinzenal para informação interna das tarefas e eventos. Esta tabela de planeamento é importante para serem apresentadas as atividades previstas, assim como as datas e horas respetivas, aos colaboradores do Mosteiro dos Jerónimos e Torre de Belém.

DEZEMBRO 2021						
segunda-feira	terça-feira	quarta-feira	quinta-feira	sexta-feira	sábado	domingo
6	7	8	9	10	11	12
TRABALHOS DE MANUTENÇÃO (relva, repuxo, ...)	CCB entrega o estrado 6mx3m Alt: 20 cm	FERIADO	21h00 ENSAIO Coro Nova Era Realizador Ivan Dias Iluminação: Ricardo Pereira			
13	14	15	16	17	18	19
D. MANUEL 500 ANOS “Luz a D. Manuel” 14h00 ENSAIO Ana Cristina Khier e Ariel Abramovich 15h00 ENSAIO Bando de Surunyo Realizador Ivan Dias Iluminação: Ricardo Pereira 16h30 ENSAIO Polyphónos Ensemble 17h30 MISSA 19h00 MONTAGEM DE ESTRADO 21h00 CONCERTO/EXPOSIÇÃO		“Spera Mundi. Cultura, Religião e Arte no Portugal Manuelino (1495-1521)” 17h30 3ª sessão do Ciclo de Seminários	“Requiem pelo Venturoso” Orquestra Metropolitana de Lisboa Parceria MJ/TB – Festival Estoril Lisboa 14h00 Igreja encerrada 14h00 Entrada de materiais pelo portal axial 20h30 Abertura de portas Entrada Livre / Por ordem de chegada			

Figura 30: Modelo para tabela quinzenal da programação cultural do Mosteiro dos Jerónimos. Autoria: Giovanni Giorgetti e Ana Reixa (2021)

Para divulgação do evento, além das publicações nas redes sociais e sítio da DGPC, foram convidados jornalistas para visitar os espaços do evento nas semanas anteriores ao evento. Deste modo, acompanhei a visita com a jornalista do Público, Lucinda Canelas, e o fotojornalista, Rui Gaudêncio, aos locais para reportagem, nomeadamente ao portal axial, túmulo, riscos incisos, sala do Capítulo e coro alto, tendo sido publicado um artigo de página completa⁹⁰ no dia 27 de novembro de 2021 (figura 14). Também foram publicadas notícias no Observador⁹¹, TSF⁹², RTP⁹³ e na VISÃO⁹⁴, entre outros meios de comunicação.



Figura 31: Artigo de Lucinda Canelas e Rui Gaudêncio. Fonte: [Jornal PÚBLICO](#)

⁹⁰ “Luz a D. Manuel” no Público: <https://www.publico.pt/2021/11/27/culturaipsilon/noticia/igreja-jeronimos-vai-parede-iluminada-possam-desenhos-500-anos-1986567> (consultado em 10/05/2022)

⁹¹ Notícia no Observador: <https://observador.pt/2021/12/12/misteriosa-armadura-de-d-manuel-i-ja-esta-em-lisboa-absolutamente-emocionante-diz-diretora-do-mosteiro-dos-jeronimos/> (consultado em 15/05/2022)

⁹² “Luz a D. Manuel” na TSF: <https://www.tsf.pt/portugal/cultura/luz-a-d-manuel-jeronimos-iluminam-desenhos-do-sec-xvi-escondidos-nas-paredes-do-mosteiro-14403208.html> (consultado em 14/05/2022)

⁹³ “Luz a D. Manuel” na RTP: https://www.rtp.pt/noticias/cultura/legado-de-rei-manuel-i-evocado-ao-longo-de-um-ano-entre-jeronimos-e-torre-de-belem_n1369245 (consultado em 16/05/2022)

⁹⁴ “Luz a D. Manuel” na Visão: <https://visao.sapo.pt/atualidade/cultura/2021-12-10-legado-de-rei-manuel-i-evocado-ao-longo-de-um-ano-entre-jeronimos-e-torre-de-belem/> (consultado em 18/05/2022)

2.3.2. “Passado Inventado”: preparação da exposição

No âmbito da programação cultural no Mosteiro dos Jerónimos, e reforçando a relação com a Torre de Belém, colaborei também na preparação da exposição “Passado Inventado. Objetos e cenografias das Comemorações Henriquinas na Torre de Belém” que foi inaugurada em maio de 2022, na Noite Europeia dos Museus, numa sala do Coro Alto do Mosteiro. Em 1960, com as Comemorações Henriquinas, foram adquiridas para a Torre de Belém peças de mobiliário dos séculos XV e XVI para recriar o ambiente da época, tal como já referi no capítulo sobre a investigação. Arcas decoradas, bancos, mesas, entre outras peças, foram transferidas em 1982 para decoração da Igreja Matriz de Santiago do Cacém.

Esta invenção de um passado para revivificação histórica da Torre de Belém está apresentada no Mosteiro dos Jerónimos, pois as condições climatéricas, nomeadamente a humidade, temperatura, exposição solar e vento na torre não permitem expor estas peças, tendo em conta os princípios de conservação preventiva. Na preparação da sala de exposição, realizei as medições para a instalação de painéis com o título da exposição e folha de sala, numa colaboração com o atelier Pedro Falcão, acompanhei a chegada do mobiliário ao Mosteiro, além de ter colaborado no desempacotamento e disposição das peças na sala.

2.3.3. Reunião para a programação cultural em 2022

Dando continuidade às várias alterações ocorridas na gestão do Mosteiro dos Jerónimos e Torre de Belém desde 2019 com a nova direção, como o encerramento da loja na entrada do mosteiro, participei na preparação da antiga livraria, no claustro superior do mosteiro, onde foi instalada em 2022 a nova loja e um espaço para eventos culturais de pequena dimensão.

Nesta sala, também está em exposição uma obra do artista contemporâneo Pedro Calapez, intitulada de “Ornamento Escondido”. Esta pintura é formada por vinte e quatro painéis em alumínio, pintados a acrílico, tendo uma dimensão total de 505×545 cm. Colaborei na transferência dos painéis de Calapez, que se encontravam numa sala do coro alto, para a sala da livraria, tendo em conta competências de conservação preventiva adquiridas no mestrado, como a colocação de papel protetor, poliestireno expandido entre painéis e película protetora no pavimento, manuseamento dos painéis com as duas mãos e utilização de carrinhos de

transporte. A sala da antiga livraria será fundamental para a organização de eventos culturais a partir de 2022.



Figura 32: Transferência dos painéis. Fotografia: Giovanni Giorgetti (2021)

O estágio foi concluído com a participação na reunião interna de preparação da programação cultural em 2022, constituída por eventos no Mosteiro dos Jerónimos e Torre de Belém: novas exposições temporárias; conferências ao longo do ano sobre a vida de D. Manuel e a conservação dos monumentos, entre outros temas; a 10 de junho, Dia de Portugal, um concerto no claustro do mosteiro com as guitarras portuguesas doadas por Carlos Paredes; e a 13 de dezembro de 2022 com um novo evento cultural, dedicado à evocação da morte de D. Manuel I, com conceção e direção artística do maestro e compositor Nuno Côrte-Real.



The image displays two event posters side-by-side. The left poster features a circular logo at the top with the letters 'TM'. Below it, the word 'CONFERÊNCIA' is centered. The text reads: 'D. MANUEL DE PORTUGAL 500 ANOS DE VIDA E MORTE (1469-1521) — Rafael Moreira —'. Below the text is a photograph of a stone relief sculpture of a seated figure. At the bottom, it says 'Mosteiro dos Jerónimos, 28 de junho, às 18h00'. The right poster has the text 'DE CARLOS PAREDES AO MOSTEIRO DOS JERÓNIMOS' at the top. Below is a photograph of an open guitar case with a red interior and a yellow guitar. The word 'LEGADO' is written in large, bold letters. Below that, it says 'Concerto com duas guitarras construídas por João Pedro Grácio Júnior (1966), doadas por Carlos Paredes ao Mosteiro dos Jerónimos'. At the bottom, the date and time are '10 de junho 21h30'.

Figura 33: Cartazes dos eventos no Mosteiro dos Jerónimos. Fonte: [LinkedIn DGPC](#)

Conclusão

Apesar das restrições e da conjuntura nacional e internacional muito imprevisível, devido à pandemia por COVID-19, considero que a opção de realizar o estágio foi a mais acertada, tendo resultado numa experiência única, marcante para o meu percurso académico e profissional e que o meu estágio foi também uma mais-valia para a instituição. Agradecemos à Diretora, Doutora Dalila Rodrigues, à nossa tutora, Dra. Maria João Correia, e a toda a equipa do Mosteiro dos Jerónimos e Torre de Belém pela forma como nos acolheram, integraram na equipa e apoiaram em todas as tarefas, incentivando novas aprendizagens e a superar os desafios com responsabilidade. A entidade de acolhimento avaliou o meu desempenho no estágio com 19 valores (numa escala de 0 a 20), tendo assim sido reconhecidos o empenho e trabalho desenvolvidos.

Os objetivos definidos inicialmente e apresentados no plano de estágio em setembro de 2021 foram parcialmente alterados e ajustados ao longo do estágio, de modo a abranger mais atividades de gestão do património e programação cultural. Assim, considero que foram alterações muito positivas para o processo de aprendizagem e aplicação dos conhecimentos adquiridos no mestrado, nomeadamente em unidades curriculares como “Planeamento e Gestão do Património”, “Património e Turismo Cultural” ou ainda “Conservação Preventiva”. Através de tarefas como organização de exposições, gestão e envio de convites, medições ou a transferência de obras de arte, entre muitas outras tarefas, pude aplicar os conhecimentos teóricos e adquirir novas competências profissionais.

Por outro lado, a investigação sobre a gestão de riscos associados às alterações climáticas para a Torre de Belém e a relação entre ação climática, sustentabilidade e património arquitetónico, que estava inicialmente prevista, não foi possível desenvolver, devido a tratar-se de um estágio de 210 horas e ter sido investido mais tempo noutras tarefas. Contudo, apresentei algumas reflexões sobre essas temáticas no capítulo do relatório intitulado “Turismo cultural e caminhos para a sustentabilidade”.

Conforme declara a Diretora dos monumentos, Professora Doutora Dalila Rodrigues, “razões históricas e artísticas fundamentam a relação institucional entre o Mosteiro dos Jerónimos e a Torre de Belém. Ambos os edifícios, construídos por iniciativa de D. Manuel I, cujo reinado decorreu entre 1495 e 1521, resultaram dos meios financeiros avultados e dos recursos artísticos exigentes que este empenhado e poderoso mecenas disponibilizou. (...) D.

Manuel I mandou construir a Torre de Belém com o objetivo de proteger não apenas o porto de Lisboa, a barra do Tejo, mas também o Mosteiro dos Jerónimos, então em construção. Na época, a configuração da barra do Tejo proporcionava uma efetiva proximidade e ligação visual entre os dois empreendimentos régios (...). Apesar das funções distintas a que cada edifício foi destinado, materializadas nos respetivos modelos arquitetónicos e em pormenores de âmbito decorativo e simbólico, existem muitos elementos comuns. (...) Sendo a heráldica régia uma constante da gramática “manuelina”, presente na arquitetura das mais diversas regiões geográficas do País, é sobretudo nestes dois edifícios que ganham expressão e se revestem de sentido”⁹⁵.

A afirmação destas relações históricas, estéticas e institucionais foi um dos desígnios do estágio desenvolvido no Mosteiro dos Jerónimos e Torre de Belém, de modo a contribuir para a valorização do legado de D. Manuel I no século XXI, para assinalar o V centenário da morte do rei que modernizou e projetou Portugal no mundo, mas também para dar continuidade à investigação académica e análise crítica da historiografia portuguesa. Esta relação entre os monumentos está também presente na “Chronica do Felicissimo Rei Dom Emanuel”, em que Damião de Góis afirma que “defronte deste edifício mandou el Rei fazer a torre de S. Vicente, que se chama de Belém fundada dentro na agua, para guarda deste Mosteiro, e do porto de Lisboa, edificio que ainda que em si não seja grande em quantidade, contudo a estrutura dele é magnífica. A qual torre se vela de noite, e de dia, de modo que nenhuma vela pode passar sem ser vista, e obedece as salvas que lhe dela fazem com a artilharia”⁹⁶.

A gestão do património arquitetónico difere em muito da gestão de museus, sobretudo em monumentos como o Mosteiro dos Jerónimos e Torre de Belém que não têm exposições permanentes nem estão mobilados e que, deste modo, o principal interesse histórico-artístico é o próprio edifício e não as suas coleções, como acontece nos museus. Contudo, os monumentos têm a mais-valia de, ao contrário dos museus, possibilitarem a leitura das artes em contexto. Assim, os desafios e oportunidades também são específicos nestes monumentos, nomeadamente na abertura à investigação académica, gestão do turismo massificado, na captação de financiamento externo através de mecenato, na programação cultural diferenciada ou ainda na conservação preventiva e manutenção dos edifícios.

⁹⁵ Folha de sala da exposição “Passado Inventado”, Mosteiro dos Jerónimos, 2022

⁹⁶ GÓIS, Damião de, *Chronica do Felicissimo Rei Dom Emanuel*, 1566-1567, p.117, disponível online em: <https://purl.pt/14704>

Bibliografia

AAVV, *Da Traça à Edificação. A arquitetura dos séculos XV e XVI em Portugal e na Europa*, Lisboa: Theya Editores/ARTIS, 2020

AAVV, *Jerónimos - 4 Séculos de Pintura*, volumes I e II, Lisboa: IPPAR, 1992

AAVV, *Managing Cultural World Heritage (World Heritage Resource Manual)*, Paris: UNESCO, 2013

AAVV, *O Neomanuelino ou a Reivindicação da Arquitectura dos Descobrimentos*, Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1994

AAVV, *Património Arquitectónico e Arqueológico Classificado*, Lisboa: IPPAR, 1993

AAVV, *Torre de Belém - Intervenção de Conservação Exterior*, Lisboa: IPPAR, 2000

AAVV, *Vi o Reino Renovar. Arte no Tempo de D. Manuel I*, Lisboa: Imprensa Nacional e MNAA/DGPC, 2021

AIRES-BARROS, Luís, *As Rochas dos Monumentos Portugueses: Tipologias e Patologias*, vol. II, Lisboa: IPPAR, 2001

ALVES, José da Felicidade, *O Mosteiro dos Jerónimos*, Lisboa: Livros Horizonte, 1990

ARAÚJO, Norberto de, *Inventário de Lisboa*, fasc. 1, Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1944

ATANÁZIO, M. C. Mendes, *A Arte do Manuelino. Mecenas, influências, espaço*, Lisboa: Editorial Presença, 1984

AZEVEDO, Correia de, *Arte Monumental Portuguesa*, Porto: Linorte, 1975

BASTOS, Fernando Pereira, *Apontamentos sobre o Manuelino no Distrito de Lisboa*, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1990

CARVALHO, Artur Marques de, *Do Mosteiro dos Jerónimos*, Porto: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1990

CHOAY, Françoise, *Alegoria do Património*, Lisboa: Edições 70, 2018

- CORREIA, Vergílio, *As Obras de Santa Maria de Belém de 1514 a 1519*, Lisboa: Tipografia do Anuário Comercial, 1922
- COSTA, João Paulo Oliveira e, *D. Manuel I*, Lisboa: Temas & Debates, 2021
- CRAVEIRO, Maria de Lurdes, *Obras-Primas da Arte Portuguesa – Arquitectura*, Lisboa: Athena-Babel, 2011
- DIAS, Pedro, *A Arquitectura Gótica Portuguesa*, Lisboa: Editorial Estampa, 1994
- DIAS, Pedro, *A Arquitectura Manuelina*, Coimbra: Civilização Editora, 1988
- DIAS, Pedro (coord.), *Manuelino. À descoberta da arte do tempo de D. Manuel I*, Porto: Civilização, 2002
- DIAS, Pedro, *Os Antecedentes da Arquitectura Manuelina*, in *História da Arte em Portugal*, vol. V, Lisboa: Publicações Alfa, 1986
- DIAS, Pedro, *Os Artistas e a organização do trabalho nos estaleiros portugueses de arquitectura, na época dos descobrimentos*, Sep. do “Congresso Internacional de Historia El tratado de Tordesillas y su epoca”, 1994, pp. 533-544
- DIAS, Pedro, *Os Portais Manuelinos do Mosteiro dos Jerónimos*, Coimbra: Instituto de História da Arte, 1993
- FRANCO, Luiz Farinha, MONTEIRO, Ana Isabel Líbano, *Jerónimos - Memórias de Cinco Séculos 1501 – 2001*, Lisboa: IPPAR, 2001
- GARCIA, José Manuel, *A Magnífica Torre de Belém*, Vila do Conde: Verso da História, 2014
- GRILO, Fernando, *Nicolau Chanterene e a afirmação da escultura do renascimento na Península Ibérica (c. 1511 - 1551)*, 2 vols., Tese de Doutoramento em História da Arte apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2000
- GÓIS, Damião de, *Chronica do Felicissimo Rei Dom Emanuel*, nova edição conforme a primeira de 1566, Coimbra, 1949
- GÓIS, Damião de, *Descrição da cidade de Lisboa*, tradução do texto latino, introdução e notas de José da Felicidade Alves, Lisboa: Livros Horizonte, 2001
- GONÇALVES, António Nogueira, “A Torre Baluarte de Belém”, in *Revista Occidente*, vol. LXVII, Lisboa, 1964

GONÇALVES, Catarina Valença, CARVALHO, José Maria Lobo de, TAVARES, José, *Património Cultural em Portugal: Avaliação do Valor Económico e Social*, Lisboa: Fundação Millennium bcp, 2020

HAUPT, Albrecht, *A Arquitectura do Renascimento em Portugal*, Colec. Métodos, n.º 21, Lisboa: Editorial Presença, 1985

MARQUES, Lina de Oliveira, *O claustro do Mosteiro de Santa Maria de Belém*, Dissertação de Mestrado em História da Arte apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1989

MARTINS, Guilherme d'Oliveira, *Património Cultural – Realidade Viva*, Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2020

MONTEZ, Rita, PINTO, Cesaltina, OLIVEIRA, Luísa, SILVA, Gonçalo Rosa da, artigo “Os Turistas”, in *Revista Visão*, nº 1214, 2016

MOREIRA, Rafael, “A arquitectura militar do Renascimento em Portugal”, in *A Introdução da Arte da Renascença na Península Ibérica*, Coimbra: EPARTUR, 1981

MOREIRA, Rafael, *Jerónimos*, Lisboa: Editorial Verbo, 1991

MOREIRA, Rafael, “Torre de Belém”, in *O Livro de Lisboa*, Lisboa: Livros Horizonte, 1994

MUCHAGATO, Jorge, *Ideologia e Arquitectura Religiosa na época de D. Manuel. Da réplica ao modelo: uma experiência de temporalidade. De 1800 a 1500 e de 1500 às origens*, Dissertação de Mestrado em História da Arte apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1993

MUCHAGATO, Jorge, SAPIEHA, Nicolas, *Jerónimos, Memória e Lugar do Real Mosteiro*, Lisboa: Inapa, 1997

NABAIS, José Casalta, *Introdução ao Direito do Património Cultural*, Coimbra: Almedina, 2010

NETO, Maria João B., *La Capilla-Pantéon de Santa Maria de Belén. Un Discurso de Poder de Doña Catarina de Austria*, Sep. *Memoria Artis*, Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 2003

NETO, Maria João B., “La expresión condicionada por la Historia. Panteones dinásticos portugueses: de las concepciones iniciales a las restauraciones contemporáneas”, in *Grabkunst*

und Sepulkralkultur in Spanien und Portugal. Arte funerário y cultura sepulcral en España y Portugal, Frankfurt am Main: Vervuert, 2006, pp. 359-375

NETO, Maria João B., *Memória, Propaganda e Poder. O Restauro dos Monumentos Nacionais (1929-1960)*, Porto: FAUP Publicações, 2001

NETO, Maria João B., “Mosteiro dos Jerónimos: a intervenção de conservação do claustro”, in *Secularização e memória. O claustro nos séculos XIX e XX*, IPPAR, 2006, pp. 59-77

NETO, Maria João B., SOARES, Clara Moura, *O Mosteiro dos Jerónimos. Arte, Memória e Identidade*, Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2013

NETO, Maria João B., SOARES, Clara Moura, “O Mosteiro dos Jerónimos e a Recuperação de um espírito Quinhentista no século XIX”, in *Actas do Simpósio Internacional “O Largo tempo do Renascimento. Arte, Propaganda e Poder”*, Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2008

NETO, Maria João B., *Secularização e memória. O claustro nos séculos XIX e XX*, in *Mosteiro dos Jerónimos: a intervenção de conservação do claustro*, Lisboa: IPPAR, 2006, pp. 58-77

NETO, Maria João B., SOARES, Clara Moura, *The Jerónimos Monastery (Portugal): historic quarries and restoration works in the cloister and the chapter house in the nineteen century*, trabalho apresentado em “6th International Symposium on the Conservation of Monuments in the Mediterranean Basin”, Lisboa, 2004

NÉU, João B. M., *Em volta da Torre de Belém. Evolução da zona ocidental de Lisboa*, Lisboa: Livros Horizonte, 1994

NUNES, J. de Sousa, *A Torre de S. Vicente a Par de Belém*, Lisboa: Minerva Peninsular, 1932

PEDREIRINHO, J. M., *Dicionário de Arquitectos Activos em Portugal do Séc. I à Actualidade*, Porto: Edições Afrontamento, 1994

PEREIRA, Paulo, *Arquitetura Portuguesa - História Essencial*, Lisboa: Círculo de Leitores, 2022

PEREIRA, Paulo, *Mosteiro dos Jerónimos*, Londres: Scala, Lisboa: IPPAR, 2002

PEREIRA, Paulo, “O Estaleiro de Santa Maria de Belém”, in *História da Arte Portuguesa*, Lisboa: Círculo dos Leitores, 1995, vol. II

PEREIRA, Paulo, *Torre de Belém*, Londres: Scala, Lisboa: IPPAR, 2005

- PINTO-COELHO, M. J. (coord.), *Património Mundial – Portugal*, Lisboa: Estar Editora, 1997
- RACZYNSKI, Atanazy, *Les arts en Portugal*, Paris: Jules Renouard, 1846
- RAMALHO, Robélia de Sousa Lobo (coord.), RAMALHO, M. Costa, BRITO., Nogueira de, *Mosteiro dos Jerónimos*, VII volume do Guia de Portugal Artístico, Lisboa: Portugália, 1940
- RAMALHO, Robélia de Sousa Lobo (coord.), *A Torre de Belém*, VI volume do Guia de Portugal Artístico, Lisboa: Portugália, 1939
- RODRIGUES, Dalila, DIAS, Pedro, GRILO, Fernando, SILVA, Nuno Vassallo e, *The Manueline. Portuguese Art during the Great Discoveries*, Viena: MWNF, 2017
- SANCHES, José Dias, *Belém e Arredores Através dos Tempos*, Lisboa: Livraria Universal, 1940
- SANTOS, Inês dos, *A Torre de Belém no contexto romântico de oitocentos: o restauro e o imaginário neomanuelino*, Dissertação de Mestrado em Arte, Património e Restauro apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2005
- SANTOS, Reynaldo dos, *A Torre de Belém*, Coimbra: Imprensa da Universidade, 1922
- SANTOS, Reynaldo dos, “Mosteiro dos Jerónimos”, in *Guia de Portugal*, Lisboa: Biblioteca Nacional, 1924
- SANTOS, Reynaldo dos, *O Manuelino*, Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, 1952
- SILVA, Ricardo, *O paradigma da arquitetura em Portugal na Idade Moderna: entre o tardogótico e o Renascimento: João de Castilho "o mestre que amanhece e anoitece na obra"*, 2 vols., Tese de Doutoramento em História da Arte apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2018
- SMITH, Robert, *The Art of Portugal 1500-1800*, London: Weidenfeld and Nicolson, 1968
- SOARES, Clara Moura, “A Extinção das ordens religiosas em Portugal na implantação do Liberalismo: efeitos sobre o património artístico dos conventos”, in *De Viollet-le-Duc a la Carta de Venecia. Teoría y Práctica de la Restauración en el espacio Iberoamericano*, Lisboa: LNEC, 2014, pp. 9-16
- SOARES, Clara Moura, *O Culto a Camões e o Mosteiro dos Jerónimos. O restauro do monumento no século XIX*, Lisboa: Scribe, 2019

SOARES, Clara Moura, NETO, Maria João B., *Reis e Heróis. Os Panteões em Portugal*, Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2018

“Testamento de D. Manuel I”, in *As Gavetas da Torre do Tombo*, vol. VI, Lisboa: Centro de Estudos Ultramarinos, 1967

TRINDADE, António, *A Arquitectura Maneirista em Portugal – da Capela-Panteão de Santa Maria de Belém ao Real Mosteiro de São Vicente de Fora*, 3 vols., Dissertação de Mestrado em Arte, Património e Restauro apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2001

VALE, Teresa Leonor, *A Tumulária da Capela-mor e Capelas do transepto da Igreja de Santa Maria de Belém e a Capela dos Castros do antigo Convento de S. Domingos de Benfica – uma análise paralela*, Dissertação de Mestrado em Museologia e Património Artístico apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1990

VAZ, Pedro, *Edificar no Património. Pessoas e Paradigmas na Conservação & Restauro*, Lisboa: Edições 70, 2019

Webgrafia

7 Maravilhas de Portugal: <https://projetos.7maravilhas.pt/portfolio-items/7-maravilhas-de-portugal/> (consultado em 16/01/2022)

A Cultura é Segura: <https://mag.sapo.pt/showbiz/artigos/a-cultura-e-segura-confie-e-seguro-ir-a-espectaculos-artistas-e-promotores-unidos-em-nova-campanha> (consultado em 05/06/2022)

Abelhas no MFA: <https://mfastpete.org/programs/honey-bees-at-the-mfa/> (consultado em 02/05/2022)

Acordo de Paris – UNFCCC: <https://unfccc.int/process-and-meetings/the-paris-agreement/the-paris-agreement> (consultado em 10/05/2022)

Agenda 2030 – ICOM: <https://icom.museum/wp-content/uploads/2021/01/Resolution-sustainability-EN-2.pdf> (consultado em 10/05/2022)

António Lamas no Público: <https://www.publico.pt/2022/01/13/local/noticia/antonio-lamas-escolhido-liderar-empresa-municipal-obras-lisboa-1991682> (consultado em 17/06/2022)

“Clean and Safe”: <https://portugalcleanandsafe.pt/pt-pt> (consultado em 05/06/2022)

“Climate Heritage”: <http://climateheritage.org/> (consultado em 02/05/2022)

“Curating Sustainable Futures Through Museums”:
<https://www.youtube.com/watch?v=De0919Gp3vI> (consultado em 10/05/2022)

Decreto jun. 2019: <https://dre.pt/dre/detalhe/decreto-lei/78-2019-122498959> (consultado em 20/06/2022)

DGPC (MJ/TB): <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-mundial/portugal/mosteiro-dos-jeronimos-e-torre-de-belem/> (consultado em 14/05/2022)

DGPC: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/quem-somos/> (consultado em 12/06/2022)

Emergência Climática – ICOMOS: <https://www.icomos.org/en/focus/climate-change/85740-icomos-declares-a-climate-emergency> (consultado em 10/05/2022)

Estratégia Turismo de Portugal 2027:

http://business.turismodeportugal.pt/pt/Conhecer/estrategia-turismo/Estrategia_2027/Paginas/default.aspx (consultado em 16/03/2022)

“Future of Our Pasts”: <https://www.icomos.org/en/77-articles-en-francais/59522-icomos-releases-future-of-our-pasts-report-to-increase-engagement-of-cultural-heritage-in-climate-action> (consultado em 10/05/2022)

Gestão dos Monumentos DGPC: <https://www.dn.pt/artes/vamos-limitar-as-entradas-na-torre-de-belem-no-verao-6222362.html> (consultado em 12/05/2022)

Google Maps - Política de Conteúdos:

https://support.google.com/contributionpolicy/answer/7422880?hl=pt&ref_topic=7422769
(consultado em 28/08/2022)

Governo Constitucional nomeia Dalila Rodrigues:

<https://www.portugal.gov.pt/pt/gc21/comunicacao/comunicado?i=dalila-rodrigues-e-a-nova-diretora-do-mosteiro-dos-jeronimos-e-da-torre-de-belem> (consultado em 12/06/2022)

Grupo de trabalho para a sustentabilidade – ICOM:

<https://icom.museum/en/committee/working-group-on-sustainability/> (consultado em 10/05/2022)

INE: <https://www.ine.pt/> (consultado a 06/05/2022)

Inquérito 2020:

https://www.ics.ulisboa.pt/sites/ics.ulisboa.pt/files/2022/inquerito_praticas_culturais_2020.pdf
f (consultado em 20/08/2022)

ISO 14 001 - Museus: <https://www.bsigroup.com/en-GB/about-bsi/media-centre/press-releases/2003/7/UK-Museum-First-Registered-Environmental-Management-System-/>
(consultado em 02/05/2022)

Jardim Viana Barreto no SIPA:

http://www.monumentos.gov.pt/site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=27093 (consultado em 13/05/2022)

Ki Culture: <https://www.kiculture.org/> (consultado em 02/05/2022)

Lisboa Card: <https://shop.visitlisboa.com/pt/products/lisboa-card> (consultado em 12/05/2022)

“Luz a D. Manuel” na RTP: https://www.rtp.pt/noticias/cultura/legado-de-rei-manuel-i-evocado-ao-longo-de-um-ano-entre-jeronimos-e-torre-de-belem_n1369245 (consultado em 16/05/2022)

“Luz a D. Manuel” na TSF: <https://www.tsf.pt/portugal/cultura/luz-a-d-manuel-jeronimos-iluminam-desenhos-do-sec-xvi-escondidos-nas-paredes-do-mosteiro-14403208.html> (consultado em 14/05/2022)

“Luz a D. Manuel” na Visão: <https://visao.sapo.pt/atualidade/cultura/2021-12-10-legado-de-rei-manuel-i-evocado-ao-longo-de-um-ano-entre-jeronimos-e-torre-de-belem/> (consultado em 18/05/2022)

“Luz a D. Manuel” no Observador: <https://observador.pt/2021/12/12/misteriosa-armadura-de-d-manuel-i-ja-esta-em-lisboa-absolutamente-emocionante-diz-diretora-do-mosteiro-dos-jeronimos/> (consultado em 15/05/2022)

“Luz a D. Manuel” no Público: <https://www.publico.pt/2021/11/27/culturaipilon/noticia/igreja-jeronimos-vai-parede-iluminada-possam-desenhos-500-anos-1986567> (consultado em 10/05/2022)

Mapa do Porto de Lisboa: <https://www.portodelisboa.pt/web/guest/mapa-do-porto> (consultado em 10/06/2022)

Marktest: <https://www.marktest.com/wap/a/n/id~2207.aspx> (consultado a 06/05/2022)

Monumentos na Renascença: <https://rr.sapo.pt/noticia/vida/2020/05/16/torre-de-belem-so-com-10-visitantes-de-cada-vez-conheca-as-novas-regras-nos-museus-e-monumentos/193118/> (consultado em 12/05/2022)

Mosteiro dos Jerónimos - 20 out. 2021: <https://photos.app.goo.gl/3BC3FT6uZSGbknKT6>

Mosteiro dos Jerónimos - Conservação: <https://observador.pt/2021/05/05/nova-fase-de-conservacao-e-restauro-do-mosteiro-dos-jeronimos-com-verba-de-460-mil-euros/> (consultado em 07/07/2022)

Mosteiro dos Jerónimos - DGPC: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/museus-e-monumentos/dgpc/m/mosteiro-dos-jeronimos/> (consultado em 23/05/2022)

Mosteiro dos Jerónimos no Google Maps: <https://goo.gl/maps/bCFR3BrANEP3WvFfA> (consultado em 28/08/2022)

Mosteiro dos Jerónimos no Tripadvisor: https://www.tripadvisor.pt/Attraction_Review-g189158-d195318-Reviews-Mosteiro_dos_Jeronimos-Lisbon_Lisbon_District_Central_Portugal.html (consultado em 28/08/2022)

Museu Tate: <https://www.tate.org.uk/press/press-releases/tate-directors-declare-climate-emergency> (consultado em 02/05/2022)

ODS – ICOMOS:

https://www.icomos.org/images/DOCUMENTS/Secretariat/2021/SDG/ICOMOS_SDGs_Policy_Guidance_2021.pdf (consultado em 02/05/2022)

Plano Belém no Observador: <https://observador.pt/2016/03/16/distrito-cultural-belem-afinal-problemas-plano/> (consultado em 13/01/2022)

Plano Sanitário para a Prevenção de Risco:

<https://culturaportugal.gov.pt/pt/saber/2020/05/plano-sanitario-para-a-prevencao-de-riscos-dgpc/> (consultado em 14/05/2022)

PORDATA: <https://www.pordata.pt/> (consultado a 06/05/2022)

“Portugal: Arte e Património” – Google Arts & Culture:

<https://artsandculture.google.com/project/portugal-art-and-heritage> (consultado em 15/06/2022)

Público sobre os concursos:

<https://www.publico.pt/2020/05/12/culturaipilon/noticia/concursos-directores-museus-monumentos-abrem-mes-1916215> (consultado em 12/06/2022)

Relatório "Museus no Futuro":

<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/docs/2020/11/16/RelatorioMuseusnoFuturo04112020a.pdf> (consultado em 02/05/2022)

Renascença e Público: <https://rr.sapo.pt/noticia/vida/2019/09/26/diretora-dos-jeronimos-e-torre-de-belem-quer-precos-mais-caros-para-turistas-e-entradas-pagas-na-igreja/165965/> (consultado em 12/06/2022)

SIG Lisboa: [https://websig.cm-](https://websig.cm-lisboa.pt/MuniSIG/visualizador/index.html?viewer=LxInterativa.LXi)

[lisboa.pt/MuniSIG/visualizador/index.html?viewer=LxInterativa.LXi](https://websig.cm-lisboa.pt/MuniSIG/visualizador/index.html?viewer=LxInterativa.LXi) (consultado em 11/06/22)

SIPA da Torre de Belém:

http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/sipa.aspx?id=4065 (consultado em 18/01/2022)

SIPA Mosteiro dos Jerónimos:

http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/sipa.aspx?id=6543 (consultado em 20/06/2022)

“The Green Museum”: <https://books.google.pt/books?id=MSI60ZXIh0AC&lpg=PP1&hl=pt-PT&pg=PP1#v=onepage&q&f=false> (consultado em 10/05/2022)

Torre de Belém – 23 nov. 2021: <https://photos.app.goo.gl/dGjBcmiNx9okMkhF9>

Torre de Belém – 28 out. 2021: <https://photos.app.goo.gl/fFqyEzfmSkrM2kr8>

Torre de Belém – 3 nov. 2021: <https://photos.app.goo.gl/C63Y8WKAowhfVnx57>

Torre de Belém – DGPC: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/museus-e-monumentos/dgpc/m/torre-de-belem/> (consultado em 23/05/2022)

Torre de Belém - Presidência da República: <https://www.presidencia.pt/atuabilidade/toda-a-atuabilidade/2020/05/presidente-da-republica-visitou-a-torre-de-belem-no-dia-da-sua-reabertura-ao-publico/> (consultado em 12/05/2022)

Torre de Belém na TVI: <https://tvi.iol.pt/noticias/sociedade/depressao-barbara/mau-tempo-torre-de-belem-encerrada-por-razoes-de-seguranca> (consultado em 12/05/2022)

Torre de Belém no DN: <https://www.dn.pt/artes/torre-de-belem-perdeu-109-mil-visitantes-9042887.html> (consultado em 12/05/2022)

Torre de Belém no Tripadvisor: https://www.tripadvisor.pt/Attraction_Review-g189158-d524074-Reviews-Torre_de_Belem-Lisbon_Lisbon_District_Central_Portugal.html (consultado em 28/08/2022)

Tripadvisor - Lisboa: https://www.tripadvisor.pt/Attractions-g189158-Activities-Lisbon_Lisbon_District_Central_Portugal.html (consultado em 12/05/2022)

Tripadvisor - Política de Integridade de Conteúdos: <https://tripadvisor.mediaroom.com/PT-content-integrity-policy> (consultado em 28/08/2022)

Tripadvisor: <https://tripadvisor.mediaroom.com/2022-02-01-Travelers-Push-Tripadvisor-Past-1-Billion-Reviews-Opinions> (consultado em 25/05/2022)

UNESCO Portugal: <https://unescoportugal.mne.gov.pt/pt/temas/proteger-o-nosso-patrimonio-e-promover-a-criatividade/patrimonio-mundial-em-portugal> (consultado em 16/05/2022)

Valor do Património no Observador: <https://observador.pt/2020/12/09/estudo-conclui-que-patrimonio-cultural-pode-ter-dobro-de-visitantes-e-triplo-da-receita> (consultado a 06/05/2022)

Valor do Património: <https://www.valordopatrimonio.pt/> (consultado em 12/06/2022)

Visita virtual da Torre de Belém: <https://artsandculture.google.com/partner/tower-of-bel%C3%A9m> (consultado em 15/06/2022)

Visitantes em 2021: <https://sicnoticias.pt/cultura/2022-02-04-estes-foram-os-museus-palacios-e-monumentos-mais-visitados-em-2021> (consultado em 12/05/2022)

Webinar ICOM: <https://icom.museum/en/news/earth-day-webinar-museums-sustainability/> (consultado em 02/05/2022)

Índice de Figuras

Figura 1: Folha de horas do estágio	9
Figura 2: Mosteiro dos Jerónimos.....	12
Figura 3: Igreja de Santa Maria de Belém	14
Figura 4: Torre de Belém.....	15
Figura 5: Sítio da DGPC com o Refeitório do Mosteiro dos Jerónimos em destaque.....	18
Figura 6: Reportagem "Turistas" - Revista Visão.....	31
Figura 7: Nave do baluarte da Torre de Belém.....	32
Figura 8: Área tutelada pela DGPC	34
Figura 9: Área tutelada pela APL	35
Figura 10: Torre de Belém com caixilharia e mobiliário.....	39
Figura 11: Abertura do Colóquio em Lisboa	40
Figura 12: Certificado de participação no Colóquio.....	40
Figura 13: Atual bilheteira da Torre de Belém	41
Figura 14: Entrada da Torre de Belém na visita virtual.....	42
Figura 15: Entrada na Sala do Capítulo do Mosteiro.....	43
Figura 16: Hashtags dos monumentos	45
Figura 17: Imagens da Torre de Belém no Instagram.....	46
Figura 18: Avaliações dos monumentos no Tripadvisor	47
Figura 19: Avaliações dos monumentos no Google Maps	48
Figura 20: Visita à Torre de Belém.....	49
Figura 21: Intervenções da DGPC na Torre de Belém	51
Figura 22: Mosteiro dos Jerónimos.....	53
Figura 23: Visita técnica à Igreja do Mosteiro.....	55
Figura 24: Notícia digitalizada do Expresso sobre os riscos incisos	55
Figura 25: Videomapping dos riscos incisos	56
Figura 26: Riscos incisos na Igreja do Mosteiro.....	56
Figura 27: Folha de sala dos riscos incisos.....	57
Figura 28: Equipamentos de videomapping	58
Figura 29: Sala do Capítulo do Mosteiro.....	59
Figura 30: Tabela quinzenal da programação cultural do Mosteiro dos Jerónimos	59
Figura 31: Artigo de Lucinda Canelas e Rui Gaudêncio	60
Figura 32: Transferência dos painéis	62
Figura 33: Cartazes dos eventos no Mosteiro dos Jerónimos	62